

Por caminhos da Ericeira

(Notas arqueológicas e etnográficas)

- I. *Ericeira*. Impressões da paisagem. Pelourinho. Vária etnografia: chaminés, janelas, etc. Na ribeira do Pôrto. Capela de S. Julião. «Furnias» perigosas. A casa rural de Açafora. As «Ermidas». — II. *S. João das Lampas*. Algumas antiguidades: inscrição gótica, cabeceiras de sepulturas, campas arciformes, etc. — III. *S. Miguel de Odrinhas*. Hieroglifos geométricos. Uma notável lápide latina. Outras antiguidades pagãs e cristãs. Um arcosólio mediévico. Antiga rotunda em ruína. Razões da sua cronologia. Vestígios da ocupação romana. Restos pre-romanos. Covas dos Mouros. — IV. *Montelavar, Chelheiros, Santo Isidoro, Assenta e Ribamar*. Ourivezaria religiosa. Arte cristã. Trechos românicos. Cova da Moura, etc. — V. Preistória avulsa: Sintra, Mafra, Tôrres Vedras.

I

Em Agosto de 1907, fiz uma temporada de ares salinos na Ericeira, vilazinha que alveja tanto sobre a aresta de arribas medonhamente alcantiladas, que não sei como resiste à vertigem de se despeñar para o abismo do oceano transparente e límpido. Se a povoação em si é da mais lavada brancura nas paredes das casas, nos telhados dos edificios, em todas as construções por modestas que sejam, pois que nada escapa ao zelo minucioso do caiador ericeirense, as terras, os campos, as rochas circundantes são o que há de mais áridamente torrado pelo sol, que lhes calcina a argila amarela. Não se pode pois dizer que tenha meiguice a paisagem, mas o asseio característico da vila, a cerúlea limpidez do seu mar, o rumoroso bulício da sua vida piscatória, a monotonia reparadora e benéfica dos seus verões resgatam-na generosamente daquele senão, que para gente pacata redundava num apreciado atractivo. Se o vento, ali concentradamente salgado, permitisse acrescentar à tela desta paisagem as penumbras ligeiras dos pinhais ou as sombras profundas das matas, nada faltaria para amaciar a crua singeleza das suas tintas: nos terrenos, o ocre com a sua quente tristeza; além da praia, o mar com o seu mais scintilante verde-azul; a vilinha com a sua mais branca reverberação, o céu como uma enorme torquesa olhada pelo interior. Mas a árvore é vencida, naquela costa, pelo açoute marinho que, sem remissão, lhe cresta a folha movediça; apenas a vinha consegue, nas encostas meticulosamente protegidas por multiplicados «azerves¹», esconder à

¹ O termo já vem no dicionário de Moraes: *paravento feito de ramos para emparar as eiras*. Na Ericeira os abrigos são feitos de caniços e às vezes de «maranhos» ou molhos de vides. Os fazendeiros mais abonados fazem-nos com urze.

rajada salina os seus cachos pendentes. A quem todavia alongar os passos para fora do povoado, e o fizer com senho de pesquisador, não será estéril o desafio que, por esta forma, lança ao abrasamento dum sol inexorável ou à invia aspereza dalguns sítios.

É o que vou comprovar nestas páginas que se seguem, embora sciente de que não fui o primeiro na tentação. Seguirei na exposição o rasto dos meus passeios em volta da Ericeira; vai assim, a modo de roteiro, êste escrito. Do que archivei em apontamentos, creio, sem imodéstia, que nem tudo será inútil, apesar do grande mérito dos que me precederam, especialmente de um, a cujo selecto espírito aqui rendo a minha homenagem de saúde e admiração. Falo de Gabriel Pereira (autor do opúsculo *A Vila da Ericeira*), o bom e sagaz observador, o escritor de graciosas ironias, que entabolava ameno cavaco com o seu leitor, dizendo o muito que sabia como quem pouco sabia.

*

Dentro da vila da Ericeira, que disfarça as rugas da velhice debaixo de incontáveis mantos de cal, há que ver e observar.

Não lhe falta primoroso pelourinho e tam ciosa dêle que, para o defender dalguma cobiça ou desacato de má vizinhança, um ericeirense patriota preferiu enterrá-lo, em arriscada conjuntura, alguns palmos abaixo do chão! Sucedeu isto, segundo me informaram, em 1860 ou 1864 por ordem de Francisco Ericeira¹.

Constava o monumento de 3 peças ajustáveis.

¹ Francisco José da Silva Ericeira (1800-1871) benemérito ericeirense, deixou nome na sua própria terra, onde ainda vivem descendentes. Foi oficial da marinha mercante com o posto de tenente honorário da Armada e o 1.º capitão do porto da Ericeira. A D. Maria II, de quem era partidário acérrimo, chamava desvanecido a sua *riâl comadre*, por se ter dignado ser madrinha de uma sua filha, cujo padrinho foi Costa Cabral. A êste dedicado filho da Ericeira dizem que se deve a estrada para Mafra. Empobreceu-se para o engrandecimento da sua terra, e na campa quis que lhe lavrassem a seguinte paráfrase dos dois versos seguintes:

Eu só da vida fico contente,
Que a minha terra amei e a minha gente!

O 1.º verso autêntico é *Eu desta glória só fico contente*; o do epitáfio tem uma sílaba a menos.

Ao meu amigo, também ericeirense, Jaime Oliveira Lôbo e Silva, agradeço as indicações biográficas respeitantes a êste seu conterrâneo, que já em 1907 tinha ali, na voz do povo, uma rua chamada *do Ericeira*.

A primeira era um fuste cilíndrico com a base aderente, onde se esculpiam 4 fôlhas lisas como as patas românicas. Na parte superior dêste fuste, quási no extremo, existe uma anilha composta dum astrágalo no meio de dois escapos. Esta parte da coluna tem a altura total de 1^m,45 e a base quadrada tem de lado 0^m,30; o diâmetro do fuste são 0^m,255. A segunda peça é um tronco do fuste que constitui o complemento da peça anterior; tem apenas de comprido 0^m,53. A terceira peça é o remate do pelourinho, e é a mais interessante. Tem duas partes, tecnicamente diferentes, embora constituam um só todo. A parte inferior é o capitel, a superior um pináculo. O capitel é composto do astrágalo circular, ao qual se segue uma moldura lisa, onde se espacham 4 pequenos florões. Por cima correm duas molduras salientes de planta oitavada, uma das quais é o ábaco; por elas termina o capitel. Do plano superior ou mesa do ábaco, imerge verticalmente um cone, cuja base está inscrita no octógono do mesmo ábaco, cone ornado de duas ordens de cogulhos, em número de quatro cada uma, sendo os da primeira ordem mais avantajados que os da segunda. O vértice dêste pináculo está mutilado. As dimensões são as seguintes: altura do capitel: 0^m,35; diâmetro do ábaco 0^m,43; altura do pináculo: 0^m,58.

Parece pertencer ao séc. XVI esta obra.

Passado o susto e não sei se adormecida alguma rivalidade, que nesse símbolo de autonomia tivesse pôsto olhos iconoclásticos, o belo monumento foi exumado em 1906 pelo grande amigo da Ericeira, Sr. Dr. Eduardo Burnay; mas dorme ainda na terra nua, se bem que debaixo de telhas amigas.

Aqui junto dêle um esbôço, feito *à-la-minute*, mas tal como me foi mostrado, em pedaços. Digno é de que seja de novo erguido, mas eu não o quereria exposto à corrosão daqueles ventos salinos da Ericeira; ergam-no dentro dum edificio pertencente ao Estado ou à vila. Vejam-se figs. 1, 2 e 3.

*

Gosto sempre de percorrer as ruas das vilas ou aldeias onde estaciono; será raro que não encontre algum elemento de estudo, mais ou menos interessante. Nesta pequena povoação marítima encontrei, pois, também que trasladar ao caderno.

Na Travessa do Pelourinho, há uma vêrga de porta datada; parece porém que as letras foram refundadas para ficarem dentro de uma cercadura ou escudete, de estilo que me parece posterior à data; e o escudado da pedra ainda parece mais moderno.

Ao lado, há outra porta com data na vêrga, mas intacta (158...?).

Na Travessa da Misericórdia, nova padieira se encontra com um peixe em relêvo e a data gravada. Vejam-se figs. 4 e 5.

A capela de Santa Marta é edificação do fim do séc. XVIII. A primitiva estava aonde hoje é um estabelecimento de águas medicinais. Vi a cópia dum documento de 1484, donde se pode inferir a existência duma capela anterior a esta data; esse documento versa sobre a posse duma pedra *muyto pẽecente pã* o altar da dita Santa. Dos dizeres do documento, conclui-se que era uma pedra avantajada, que apparecera *soo ho chaão debaixo de huũ forno*. Já foi procurada sem resultado por um amante das antiguidades da sua terra, o Sr. Jaime de Oliveira Lôbo e Silva, pesquisador tam solícito como modesto, a quem se deve a cópia desse documento¹.

Não há nenhum observador da etnografia popular, tam instrutiva e cheia de encanto, que, nas povoações rurais, deixe de erguer os seus olhos, amorosos de arte tradicional, para esse complemento do lar doméstico, para a chaminé. São bem portuguesas essas dealbadas colunas, através das quais respira a chama que arde na paz interior da habitação. (*Portugalia*, II, 79).

Nesta nesga da região saloia, não aparecem aqueles modelos tam característicos doutros arredores de Lisboa, as chaminés de secção rectangular, rematadas em meio-círculo entreaberto, que talvez possam chamar-se *de fenda em arco*, e que tanto se encontram logo em Mafra, em Sintra, em Colares; e até, dentro de portas da capital, há raros mas curiosos exemplares (Junqueira, Rato). Desenhei umas oito.

Perpassando os seus tipos, vê-se que elas são principalmente: 1.º, *tronco-cónicas*, sobrepujadas por um lanternim de tejo, rematado em cúpula mais ou menos ornada. Superior e inferiormente às estreitas frestas do lanternim, abraçam a chaminé dois astrágalos que lhe dão graça e sentimento. Por vezes as frestas fumívoras tem os tejos em sêco, outras vezes são cuidadosamente acabadas com argamassa e cal. Num exemplar que figuro, a chaminé é toda fechada até ao capêlo e, para o fumo, reservou-se quasi na base uma única e pequena fresta².

¹ No *Arch. Port.*, XIV, 320, publicou o mesmo Senhor alguns curiosos documentos para a história da Ericeira e neste fascículo edita outros.

² Este curioso tipo não é um acaso, segundo penso; dum combóio em andamento, eu tomei nota duma chaminé deste tipo, para o sul de Coimbra. O fuste era tronco-cónico, o capêlo semi-ovóide, coroado por uma bola. Dispostos em losango e espaçados, mas todos dum lado, abriam-se na espessura da coluna quatro orifícios triangulares, que constituíam a totalidade da tiragem desta chaminé. Fig. 13.

Além dêste tipo predominante há as chaminés: 2.º, *prismáticas* e, 3.º, *tronco-piramidais*. Do 2.º há-as de secção rectangular ou quadrada. Daquelle sub-tipo desenhei um elegante modelo, em que, por cada lado da chaminé, as frestas, em número de 4 contíguas, ocupam apenas o meio, deixando dos lados, isto é, nos cunhais um espaço liso. Esta chaminé termina por uma pirâmide de base quadrada, em cujas faces se abriram 4 lumieiras esguias, que reforçam a tiragem.

As chaminés do 3.º tipo são rectangulares e o remate, tanto nestas como no 1.º sub-tipo das prismáticas, é constituído por um corpo tectiforme, aberto lateralmente por frestas de tiragem ou apenas, quando côncavo, ao longo da cumieira ou aresta superior. Esta variedade é comum. O que torna curioso êste coroamento, são umas pequenas peças ornamentais feitas de telha aparada à turquês e colocadas nas extremidades; desenhei-as em duas chaminés, com a forma de lancetas e de foice¹. Vejam-se figs. 6 a 12.

Estas chaminés ocupam um lado do telhado, nunca a frontaria da casa, e são totalmente caiadas de branco. A policromia doutros elementos architectónicos não atinge a sua altiva candidez...

E as janelas? Essas pupilas entreabertas, dos nossos lares, tam baças e inexpressivas nos modernos caravansarás dos centros urbanos, tam incaracterísticas porque as rasgou só a unha do interêsse e não o sentimento da arte tradicional. Também lá colhi uns factos curiosos, que com o lápis reproduzi, consoante pude, em quatro exemplares. As figuras suprem a minha descrição. Numa delas, a vidraça é substituída por ralos de fôlha de Flandres; como a casa primeva é de um só piso, ao rés-do-chão, os sistemas tradicionais visam a impedir a curiosidade indiscreta dos transeuntes.

Dois cachorros nas ombreiras duma janela destinam-se a estender a roupa ou talvez a rêde por meio de uma vara que ajustava em chanfraduras côncavas, convenientemente abertas na face superior. O perfil dêstes cachorros traduz uma preocupação estética que fere o nosso espirito, saúdoso das tradições artísticas à vista da moderna aridez das construções. Figs. 14 a 17.

Êste sentimento, que a avidez do tempo vai sugando implacavelmente, manifesta-se ainda nos tímpanos ou frontões dos portais; aí a fantasia das curvas exerce-se galhardamente e é às vezes realçada

¹ Não tem designativo especial estes ornatos. Aos que terminam o beiral dos telhados e se erguem em curva, chamam simplesmente *pontas de telhado*; são de barro ou madeira.

pela côr. O tipo é porêem geral aos arredores de Lisboa. Apontei dois exemplares. Figs. 18 e 19.

Na architectura popular da Ericeira, uma nota fere alegremente a nossa atenção. É a policromia da casa. As combinações das tintas são festivas, sempre frescas sem serem irritantes; vêem-se com carinho e satisfação. Parece que dão boas vindas ao forasteiro. Com elas os ericeirenses alegram as frontarias das suas casas, os frontões dos portais, e os pés-direitos das mansardas. Rápidos apontamentos tirei. Mais ou menos, conforme os recursos das povoações, este gôsto é geral na Extremadura. Figs. 20 a 26.

Mas deixemos já a povoação melhor estudada por Gabriel Pereira e burriquemos para o sul; é lá muito do estilo da terra o falar em rumos, nem admira; gerações piscatórias de muitos séculos só desembarcam para consertarem as rêdes e perpetuarem-se¹. A linguagem do mar, com o seu norte e o seu sul, é a mesma que se ouve em terra. Há na Ericeira uma praia do norte e uma praia do sul, etc. Nas povoações do interior, ninguém se orienta pelos rumos dos sítios.

*

Vamos pois pesquisar o que há, tocante a umas grutas, nas margens da Ribeira do Pôrto ou rio Lisandro (não Sisandro, notaram-mo), que fica para o sul, como disse². Tinham-me falado duma pretensa furna do Gaiteiro, em S. Julião. Passada a foz dêste nome, na roda do ano algumas vezes cerrada, mormente no verão³, e seguindo pela orla do mar, pisa-se uma rocha esburacada de profundas marmitas, até chegar à povoação de S. Julião, onde só vivem, como ermitões, infatigáveis guardas fiscaes. Junto do mar, lucila de alvura, sôbre a aridez da rocha calcinada, uma capelinha de S. Julião e Santa Basilisa; singelíssima construção, é interiormente forrada de ricos azulejos, onde no limpo azul característico se vêem pintadas scenas que, segundo me informaram, são alusivas àqueles patronos. Da fresta,

¹ Estes lóbos de mar iam ao alto nas suas *rascas*. (cf. *A vila da Ericeira*, por Gabriel Pereira, p. 18, edição de 1905; é sempre a esta que me refiro). Ganhavam uma *soldada* e a *berlanda*, que eram dois vintens ou o que se ajustasse para pão.

² Sisandro é ao norte; banha Tôrres Vedras.

³ Quando esta foz está fechada pelas areias, e a subida da água do rio começa a prejudicar as margens, reúnem-se os interessados para a golpear, e depois a corrente estabelecida se incumbe de terminar a tarefa. Assim também na lagoa de Óbidos.

por onde espreitei, pude ainda admirar as vinhetas e cercaduras traçadas a amarelo e roxo. Estes azulejos, feitos propositadamente para esta capela, tem já excitado a cupidez mercantil de aventureiros num grau extraordinário.

Existe a tradição de que, em tempos antigos, por essa foz entravam *galeões* (*sic*) que subiam o rio até a Carvoeira, onde havia um cais com argolas para a amarração¹. Esses galeões iam carregar carvão, e é por isso que dizem que uma igreja, que ali há, se chama Senhora do Pôrto da Carvoeira. Ribeira do Pôrto é também significativo onomástico, mas o apenso dos argolões pertence a uma lenda conhecida noutros pontos do país.

A capela de S. Julião é precedida duma galilé, cercada de parede, com uma entrada. Como a orientação do edificio é aproximadamente NE.-SO. com a porta para este quadrante, a entrada da galilé sendo lateral olha para SE. Na vêrga da porta principal da igreja, há a data MDCCLXVIII. Ao fundo da galilé, está embutida na parede uma pedra de mármore, hexagonal, com vários dizeres de forma acróstica²; a altura dessa pedra são 0^m,60; em volta desta construção correm bancos de pedra. A entrada apresenta uma disposição que, apesar de pertencer a um tipo que não é raro no sul, tem sempre extraordinário encanto. Veja-se fig. 27.

No adro há um padrão comemorativo do «Milagre do Gaiteiro». Tem também um letreiro acróstico e quadrados com azulejos; um representa o milagre e outro as almas. Este género de cruzeiros ou memórias parece característico da região; há outro na fonte das Amoreiras, não longe das margens da mesma ribeira.

A furna não passa duma grande falha ou fenda da rocha à borda do mar, profunda e estreita, como uma cutilada gigantesca, em cujo fundo a água se revolve e remexe, para trás e para diante, para dentro e para fora, com aquela inquietação desesperada e recalitrante da vaga. Tinha ali a indústria uma força inexgotável para explorar; é um motu-contínuo. Nada pois que tenha carácter arqueológico.

O milagre do Gaiteiro consistiu, segundo a versão popular, no seguinte acontecimento: a uma festa de S. Julião tinha ido tocar um

¹ Já depois me informaram que esta lenda não é só daqui, mas também da *Ribeira d'Ihas*, ao N. da Ericeira. Da tradição da navegabilidade do rio encontro eco em Estácio da Veiga, *Antiquidades de Mafra*, Lisboa 1897, p. 110.

² Artificio epigráfico que tem as mais antigas tradições. Veja-se *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, a. E. Hübner; n.º 145.

gaiteiro, que desastradamente caíra junto do precipício, resvalando até o fundo do temeroso buraco. Retirado para cima, notou o povo com pasmo que o homem estava ileso.

*

Torneemos agora o local na direcção da áspera e estéril chapada e paremos no lugar de *Valbom*, onde não encontrei notícia de pedras-de-raio!

Contou-me um homem que certos sonhadores de tesouros encantados tinham ido a um sítio chamado da *Botelha*, de que falava um roteiro (?). Aí vi de facto o resultado da escavação e ainda encontrei um pedaço de teijolo. Se algo ali houve, teria sido alguma sepultura de época histórica.

Mais me falou o homem de *furnias* que conhecia, no sítio das *Amoreiras*. Eram algumas das concavidades que já eu observára da estrada, sôbre os despenhadeiros da margem esquerda da ribeira. São umas escavações naturais, voltadas ao norte, ligadas umas às outras por corredores, nem sempre transponíveis por homem; estão ao longo da cortina rochosa, que perfuram com aberturas maiores ou menores, mais ou menos acima do chão exterior. O sítio é de difficilimo acesso. A que me pareceu maior, e que visitei, tem na bôca 5 metros de extensão; de largura ou profundidade 5 metros e de altura 1^m,10. Por aqui se vê que não podia ser habitação permanente; terá sido, duvidosamente, abrigo efêmero ou sepultura. O que me decidiu mais a visitar estas *furnias*, foi a tradição que lhes anda ligada, de serem do tempo dos mouros e de haver nelas uma grade de ouro. E também é o que ali vale mais, além do pitoresco do sítio.

Cavei numa; appareceu a 0^m,10 a 0^m,20 um bordo de vaso, que pela grosseira pasta amassada com areia, parecia prelístico; era interiormente escura e exteriormente côr de fogo; pela forma, o vaso devera ser campanulado e apôdo; a espessura do fragmento é de 0^m,01; além dêste, outros muito modernos, um pedaço de osso, uma costela talvez de coelho, fragmentos de conchas. O pavimento é duro e quási estéril, não há terra negra, e concreções tam pouco. É possível que, junto da rocha onde se abrem estas grutas, no solo exterior, appareçam mais vestígios. Como o sítio é íngreme, a erosão terá alterado a disposição relativa do terreno encostado à cortina vertical.

Estas grutas ficam próximo do sítio, a que chamam a *Volta do Carro*; a várzea, que se estende no sopé da encosta, apelida-se do *Canal*.

Antes de ir a estas cavidades, eu tinha-me dirigido a outras, que estão mais próximas da foz de S. Julião. A ascensão é perigosíssima, porque o terreno tem um medonho declive e o chão era um tapete traíçoeiro de gramineas escorregadias. Lá ao fundo do abismo, estagnava o rio, glauco e carrancudo.

As cavidades aparentavam a mesma disposição que as outras, mas confesso que não se fica com vontade de repetir a ascensão. A altura é enorme e o deslizar de um pé, em semelhante pendor, devia ser fatal para o ousado excursionista.

Riscos inglórios que a gente passa... Bons para esquecer!

*

Onde a arquitectura rural me sacudiu singularmente a atenção foi numa povoação da beiramar, para onde agora vamos partir, e que nos fica para Sul: *Açafora*.

O tipo construtivo das casas desta localidade é, posso dizê-lo, rigorosamente uniforme. Aqui o tem o leitor. Veja-se fig. 28.

A um lado da habitação, a abegoaria ou arribana; do outro lado a cozinha com seu forno saliente; dos lados da entrada, dois bancos de pedra; sôbre a porta, a janela com os cachorros («cimalhas») para os vasos dos craveiros; no vértice do telhado, a tijela voltada, para vedar bem a água. Adivinham-se as divisões internas e o seu destino. Poderá discutir-se, se existe ou não um tipo de casa portuguesa; ninguém me diga que não existe um tipo uniforme de casa... em *Açafora*! A vida agrícola, a vida doméstica e até o clima, tudo tem, nas particularidades desta construção, o seu reflexo evidente: a arribana do gado que dá o leite ou faz a lavoura do pão, que no forno se coze; a cozinha, onde todos comem, servida por porta independente, bem como a abegoaria e a chaminé sôbre o lar, à boca do forno; a salinha de entrada com o seu banco de encôsto, as arcas enormes para os cereais; e ao fundo, o armário para a louça de estimação; cá fora, os bancos de pedra para tomar o fresco nas cálidas noites da região; ao lado, as pedras salientes da parede e furadas para a prisão dos animais¹; em cima, no «sobrado», o quarto de dormir e às flores à janela, que alegram a vida e perfumam a roupa, quando faz

¹ Ao N. da Ericeira dão-lhes o nome de «postoiros». Em Odrinhas informaram-me que lhes chamam simplesmente «pedras de argola». Nos moinhos há umas pedras análogas, que distinguem com os termos «amarradoiros» e «andorinhos» e servem para prender o «capêlo». (Informação do Sr. Jaime da Silva).

mister; telhados de pouco ângulo e curto beiral, porque a chuva não é demasiada nestes sítios...

*

Adiante de Açafora, à mão esquerda da estrada que toca em S. João das Lampas, há um sítio plano, mas elevado, a que chamam as *Ermidas*, onde, segundo aquele dizer que é muito conhecido na arqueologia popular de todo o país, houve uma povoação do tempo dos... mouros. Aqui, é a segunda vez que os topamos. O que é facto é que nas lavouras aparecem cantarias, tejos e até caveiras e, como documento da verdade desta informação, lá me esperava, em uma parede da estrada, metade duma mó de pedra do tipo circular e giratório. Necrópole, povoação e até um pouco o onomástico condizem solidariamente na verdade. Assim houvesse quem se abalançasse a umas sondagens arqueológicas na área assinalada.

II

Em S. João das Lampas é notável o templo. Como quasi todas as igrejas destes sítios, uma galilé, ou alpendrada, abraça-lhe a frontaria e um lado de edificio, até a porta lateral; alpendrada com as parcas aberturas constituídas por um envasamento ou estilobata, onde assentam dois ou quatro pilares espessos, de alvenaria, sobre os quais correm os frechais do telhado. O pórtico da igreja é manuelino. O arco cruzeiro pareceu-me mais antigo, da última época ogival; os pés-direitos são oitavados e tem garras ou patas.

Uma pia de água benta, junto da porta lateral, era digna de um museu. É de mármore lavrado, com uma inscrição em gótico minúsculo, assim:

Jamnalvarez. do çacaryho:mocoapagou

Veja-se fig. 29.

Jam por João aponta Viterbo como do séc. xv.

O gótico minúsculo foi empregado desde D. Afonso V até D. João III, em que começou o romano restaurado (*Dissert. Cronolog.*, por J. P. Ribeiro, vol. iv, p. 131).

Depois de *Jam* há um *n*. Creio que o caso interessa um pouco à história da língua portuguesa; a missão deste fonema seria evitar o hiato entre a nasal antecedente e a vogal conseqüente. Decerto seria esta a pronúncia. O lugar de «Çacarim», donde era «João Alvarez, o moço», que esta linda obra de arte «pagou», ainda existe com o toponímico transformado em *Çacario* ou *Cecario*, que escrevem com *s* inicial.

Nos altares laterais e debaixo do altar-mór, azulejos hispano-árabicos dispostos à toa. Na sacristia, uma piscina de baptismo, fora de uso, mas que me fez lembrar o estilo ogival. No dia de S. João, ergue-se defronte da igreja um alto mastro, sobrepujado por um galo, não faltando, no aparato, grinaldas e festões.

No adro, algumas antigas cabeceiras de sepulturas cristãs, dis-cóides ou de palmatória, adornadas de emblemas crucíferos. Em geral, a mesma pedra tinha o símbolo cristão nas duas faces, ou porque ela indicasse duas sepulturas, em contacto pelas cabeceiras, ou antes porque, desta forma, ela podia servir alternadamente. Dou o desenho de duas cabeceiras. A da fig. 30 é lavrada em relêvo, tanto no anverso como no reverso. A da fig. 31 é também bifronte, mas de um lado o lavor é a traço inciso, do outro é em relêvo. Estas pedras ainda há pouco eram aproveitadas pelo coveiro para designar covais¹.

Vejo também uma campa sepulcral com forma de baú.

O alpendre é antigo; a porta da frente abre-se em ogiva ampla; os ângulos ou quinas das ombreiras são oitavadas; no fecho há uma cruz inscrita em nimbo, e análoga às das cabeceiras supra referidas. Fig. 32.

No dizer dos habitantes, não era raro encontrarem-se *pedras-de-raio* nas «trabalhadorias» do campo, mas era cousa a que se não ligava importância, visto não terem valor mercantil e por lá as deixavam!

Ao fundo do largo, onde se ergue a paroquial de S. João das Lampas, há uma ermida chamada do Espírito Santo; junto dela vejo outra pedra sepulcral semi-cilíndrica e maciça, talvez o que possa chamar-se arciforme. Sem epígrafe, como outras². O cruzeiro tem valor. ¿Poderá capitular-se de gótico?

¹ Gabriel Pereira também as viu em uso, próximo a Pombal (*Revista Arqueológica*, I, 131) e o P.^o Araújo Calheiros publica o desenho duma cabeceira procedente de Refóios, Ponte de Lima. É bifronte também e ornada com a cruz grega dentro de um círculo. (*Refóios através dos tempos*, pelo P.^o Araújo Calheiros, no *Almanaque de Ponte de Lima*, 1910, p. 175). A longínqua filiação desta iconologia são provavelmente às lápides visigóticas, como a do *Arch. Port.*, II, 176.

² Já no *Arch. Port.*, XIV, 261, aludi a estas campas. Estiveram em uso na Lusitânia Trans e Cistagana, da época romana. Há aqui a coincidência de estarmos na região delas. ¿O letreiro pagão teria sido expungido? ¿O seu uso conservar-se-ia na época cristã? Mas então, ou são muito antigas ou houve solução de continuidade. ¿Como explicar neste caso o facto etnográfico? ¿Onde estão os elos da tradição? Eis o óbice! O Dr. Vergílio Correia descobriu uma no concelho de Oliveira do Hospital, isto é, quasi em terras estrangeiras. ¿E seria ela pagã ou cristã? Veja-se *A igreja de Lourosa da serra da Estrêla*, por Vergílio Correia, Lisboa 1912, p. 7.

Na povoação de *A-do-Longo* adquiri utensílios neolíticos. Já pois, há muito que palmilhamos uma região, onde a população tem raízes neolíticas.

III

Desandando agora para Leste, vamos deter-nos à distância de 4 quilómetros, num foco arqueológico digno de estudo: *S. Miguel de Odrinhas*.

À borda da estrada, há uma destas típicas locandas, onde o demorar-se o viajante é já uma consuetudinária imposição, ditada pelos malaventurados paquidermes, que nos aturam e arrastam através das poeirentas estradas destes sítios.

Alto aqui! É a lei escrita para todos os viventes!

Pois paremos também; deixou de se ouvir o férreo gemer da «carrinha» desengonçada; deixou de nos silvar aos ouvidos a bárbara trança de coiro, que continuamente se abate inexorável sobre os angulosos costados dos cavalicoques.

Parou tudo. Se a humana sêde, que em tais oportunidades, é pelo menos da praxe, encontrou nesta lura de Baccho algum fresco ingrediente, mais ou menos nocivo, a minha curiosidade etnográfica também não ficou inerte. Uma parte do negócio destes modestos balcões é *fiada* aos fregueses. Complicada escrituração de mínimas e múltiplas quantias... ? Como a faz quem ignora a escrita dos números e a das próprias letras? Vi ali, naquela loja a poucas léguas da capital, o expediente adoptado.

Em uma lousa, suspensa por um buraco do seu caixilho, alinhavam-se, com aparências algébricas, uns sinais misteriosos, mas rudimentares, que a dona do estabelecimento, quasi a cada venda que fazia, se aprestava rapidamente a modificar ou acrescentar com segurança profissional.

Estava ali, naquele ábaco temido, o segredo dos créditos correntes do seu comércio a retalho, o fotograma inexorável do embaraço económico de muitos dos vizinhos seus.

Na minha carteira copiei cuidadosamente o seguinte texto: (Veja-se fig. 33).

A chave desta escrita é a seguinte:

o	vale	5 réis	+	vale	100 réis	⊕	vale	500 réis
1	»	10 »	++	»	200 »	⊕	»	1.000 »
1	»	20 »	+++	»	400 »	⊕	»	1.500 » etc.

É fácil compreender a mecânica desta ideografia.

Por exemplo: Iº diz 25; IIº diz 35.

Portanto na ardósia, a primeira linha representa 1\$125 réis. A 5.^a e última, as parcelas de 10 réis, mais 165, mais 20, mais 10, mais 40, mais 100; o que corresponderia a compras diversas do mesmo freguês.

Cada casa desta tabela corresponde a um devedor; aqui é que o sistema é de uma discreção verdadeiramente para agradecer, porque o nome do desgraçado fica apenas estampado na memória do tendeiro. Como nas matemáticas, a ordem dos sinais é indiferente ¹.

*

Do lugarejo viário enxerga-se a 500 metros a ermida de S. Miguel de Odrinhas. As antiguidades, que ainda aqui existem, indicam que foi ali um lugar de grande veneração na época pagã, um lugar onde o culto dos mortos se exercia com aquele carinho ou solenidade, de que as epígrafes nos transmitem o atestado.

Na tradição ainda revive talvez um eco desses mistérios sagrados, dizendo a bôca do povo que, em tempos antigos, vinha ali gente a enterrar de muito longe, «até de Santo Isidoro» ².

Dentro da alpendrada da ermida está, simplesmente encostada à parede exterior, uma grande lápide romana, com moldura em volta, e tem o comprimento de 1^m,74, a largura de 0^m,75 e a espessura de 0^m,24 em média; as letras tem 0^m,09, 0^m,08 e 0^m,06 sucessivamente nas regras do alto a baixo. (*Corpus I. Lat.*, E. Hübner, II, 267).

L · AELIVS · L · F · GAL · AELIANVS · H · S · E ·
 L · AELIVS · SEX · F · GAL · SENECA · PAER · H · S · E ·
 CASSIA · Q · F · QVINTILIA · MER · H · S · E ·
 L · IVLIVS · L · F · GAL · AELIANVS · ANN · XIII · H · S · E ·
 L · IVLIVS · L · F · GAL · IVLIANVS · AN · XXV · H · S · E ·
 AELIA · L · F · AMOENA · H · S · E ·

As letras estão algo obliteradas, por motivo de terem talvez estado longos anos expostas às intempéries.

¹ Em Óbidos, encontrei uma cousa semelhante. Em futuro opúsculo me occuparei do caso. Rocha Peixoto também o menciona; *Almanaque illustrado de o Comércio do Lima*; ano 1909, no artigo *As siglas da Ponte*, p. 217.

² A mesma tradição foi recolhida por Gabriel Pereira (*A vila da Ericeira*, p. 17).

Eis a transcrição e desenvolvimento das abreviaturas dêste grande epitáfio de família:

L(ucius)	▼	AELIVS	▼	L(ucii)	▼	F(ilius)	▼	GAL(eria)	▼	AELIANVS	▼	H(ic)	▼	S(ita)	▼	E(st)						
L(ucius)	▼	AELIVS	▼	SEX(ti)	▼	F(ilius)	▼	GAL(eria)	▼	SENECA PATER	▼	H(ic)	▼	S(itus)	▼	E(st)						
CASSIA	▼	Q(uinti)	▼	F(ilia)	▼	QVINTILIA	▼	MATER	▼	H(ic)	▼	S(ita)	▼	E(st)								
L(ucius)	▼	IVLIVS	▼	L(ucii)	▼	F(ilius)	▼	GAL(eria)	▼	AELIANVS	▼	ANN(orun)	▼	XIII	▼	H(ic)	▼	S(itus)	▼	E(st)		
L(ucius)	▼	IVLIVS	▼	L(ucii)	▼	F(ilius)	▼	GAL(eria)	▼	IVLIANVS	▼	AN(norum)	▼	XXV	▼	H(ic)	▼	S(itus)	▼	E(st)		
										AELIA	▼	L(ucii)	▼	F(ilia)	▼	AMOENA	▼	H(ic)	▼	S(ita)	▼	E(st)

É uma inscrição sepulcral ou funerária, que devia figurar no monumento, onde estavam as cinzas de seis de entre as nove pessoas mencionadas. A tradução é a seguinte:

1—*Lúcio Élio Eliano, da (tribu) Galéria, filho de Lúcio (Élio Seneca), está aqui sepultado.*

2—*Lúcio Élio Seneca, pai, da (tribu) Galéria, filho de Sexto (Élio), está aqui sepultado.*

3—*Cássia Quintília, mãe, filha de Quinto (Cássio), está aqui sepultada.*

4—*Lúcio Júlio Eliano, da (tribu) Galéria, filho de Lúcio (Júlio), com 14 anos de idade, está aqui sepultado.*

5—*Lúcio Júlio Juliano, da (tribu) Galéria, filho de Lúcio (Júlio), com 25 anos de idade, está aqui sepultado.*

6—*Élia Amena, filha de Lúcio (Élio), está aqui sepultada.*

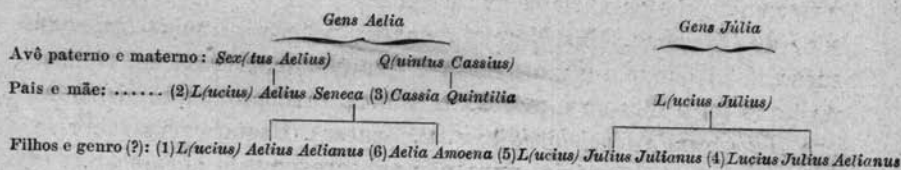
Esta epígrafe é digna de atenção e o seu lugar há muito que devia ser um museu ou uma escola superior de estudos históricos. É um modelo epigráfico duma concisão cheia de nobreza, tal como aparece nos mais antigos epitáfios romanos. Não há quasi nenhum elemento acessório na redacção d'este título; apenas os nomes das pessoas sepultadas, a sua filiação e tribu e, de duas só, a idade. O *H · S · E ·* (*hic situs* ou *sita est*) repete-se insistentemente no final de cada uma das seis linhas, como marteladas fúnebres no mármore duma campa. Omitem-se elogios fúnebres, funções públicas e honrarias, a pátria dos mortos, a sua idade (duas excepções apenas), o fundador do monumento e até a dedicatória aos Manes. Efectivamente, na época de Augusto, as inscrições funerárias começavam a ser precedidas das siglas *D. M.* ou *D. M. S.* (*Diis Manibus* ou *Diis Manibus Sacrum*), que as tornava, por assim dizer, dedicatórias ao mesmo tempo que fúnebres. É certo porém, que algumas vezes se omitia esta menção, e é assim que esta lápide não deve ser, por motivos paleográficos e outros, considerada anterior ao séc. I p. C.

No contexto desta epígrafe, exemplificam-se as regras que os romanos seguiam com escrúpulo, na fixação dos nomes de pessoas. Ainda neste particular, o título de Odrinhas tem um merecimento didáctico, que convém pôr em relêvo. De acôrdo com aqueles preceitos, que os tratados da especialidade expõem, o nome de cidadão romano tinha diferentes partes essenciais e nos monumentos era também enunciado segundo um sistema estabelecido, de que esta inscrição revela a observância rigorosa. *Praenomen*, *nomen*, *cognomen* eram os elementos componentes dum nome pessoal romano e, nos títulos epigráficos, as características pessoais obedeciam a este preceito de ordem: *prenome*, *nome*, *filiação*, *tribu*, *cognome*; a presente inscrição não só observa fielmente este formulário, mas ainda mostra como o *praenomen* se designava pela inicial, o *nomen gentilicium* por extenso, o nome do progenitor apenas com a sigla do *praenomen*, pois que o

nomen era igual ao do filho, enquanto o prenome se transmitia ou não; a tribo também por abreviatura, etc. Assim o 1.º da inscrição:

Prenome	Nome	Filiação	Tribo	Cognome
L(ucius)	Aelius	L(ucii Aelii)	F(ilius)	Gal(eria tribu) Aelianus

E ainda há mais; as mulheres não tinham *praenomen*, mas apenas *nomen* e *cognomen*, nem se mencionava, senão excepcionalmente, com o seu nome a tribo. Estas regras, que R. Cagnat desenvolve no seu *Cours* (capítulo I da parte II), tiveram a mais exacta aplicação neste título epigráfico. E é por motivo disso, que se torna possível estabelecer com rigor a genealogia das duas famílias sepultadas neste recanto da Lusitânia, como ressalta do seguinte quadro:



A epigrafe não indica o parentesco de *Lúcio Júlio Juliano* e seu irmão, com a *Gens Aelia*, mas, pela situação em que foi incluído o nome deste cidadão romano, imediatamente antes do de uma neta, filha e irmã doutros membros desta família, e depois do seu próprio irmão mais novo, é de supor que lhe esteve ligado pelo *comubium* com *Aelia Amoena*. Também só ficamos sabendo o cognome das pessoas aqui incineradas; podia ser diverso do dos pais, que se nomeiam nesta inscrição unicamente por motivo, para assim dizer, genealógico. (Pode ver-se *passim*: *Epigrafia latina* por Serafino Ricci; Milano; 1898).

Como se vê, os *praenomina* destes verdadeiros cidadãos romanos, pertencentes, os incinerados, à tribo Galeria, eram: *Quintus*, *Sextus*, *Lucius*(5), todos incluídos como tais na lista de dezessete que traz Cagnat. Os *nomina* eram *Aelius* (2 expressos e 1 subentendido), *Julius* (2 expressos e 1 subentendido), *Cassius* (1 subentendido), *Cassia*, *Aelia*; todos estes gentílios, isto é, nomes de indivíduos pertencentes à *gens* respectiva, terminam em *ius*, como é de preceito. Os *cognomina* expressos eram: *Seneca*, *Aelianus*, *Julianus*, *Quintilia*, *Amoena*, dos quais o 1.º é hispânico. Ambos os filhos de *Lucius Julius* herdaram o prenome do pai; o caso porêr mais corrente era recebê-lo apenas o primogénito¹. O mais novo também já era cidadão na plenitude

¹ A terminação *-anus* podia indicar adopção, e nesse caso *L. Julius Aelianus* seria um adoptivo de algum membro da *gens Aelia* (Cagnat, *op. laud.*, p. 72, e Serafino Ricci, *op. laud.*, p. 95).

da sua capacidade jurídica (*La vie privée des romains*; Marquardt, I, 144).

Há muito que é conhecida na bibliografia da Península esta grande inscrição; com ela se pretendeu que fôsem de proto-cristãos os nomes referidos, atendendo a que faltava a consagração aos Deuses Manes¹. Mas é-nos fácil reconhecer hoje, pelos conhecimentos que os nossos maiores não tinham da ciência epigráfica, que, já pelo formulário da inscrição, já pela sua própria paleografia, a epígrafe é caracteristicamente pagã. O Visconde de Juromenha na sua *Cintra Pinturesca* (Lisboa 1838) classifica-a de cristã nitidamente, estribando-se na falta do D. M. S. ou D. M. e na do S. T. T. L. (*sit tibi terra levis*)². Também ao mesmo tempo se afirmou que é um dos Sénecas o mencionado na lápide de Odrinhas. Mas Marcus Annaeus Seneca e Lucius Annaeus Seneca, filho daquele e mais notável que êle, morreram em Roma; êste é que foi o filósofo e moralista estóico, preceptor ou ministro de Nero (*La Grande Encyclopédie*; s. v. Seneca). Bastará pois saber-se que a epígrafe é funerária, para não subscrever esta afirmação.

Todos os indivíduos, cujas cinzas se guardavam no desaparecido monumento, de que dá fé esta grande lápide, pertenciam à tribo *Galéria*, uma das 35 circunscrições, em que até ao séc. VI de Roma se dividiram os cidadãos romanos; o que depois, apenas demonstra que possuem esta qualidade jurídica³. Na necrópole romana de Odrinhas, onde creio que não penetrou ainda o alvião do arqueólogo, mas que devia ser bem povoada, a julgar pelas inscrições, que E. Hübner colleccionou e que na sua quasi totalidade já desapareceram⁴, havia mais epitáfios de membros da tribo *Galéria*, como aliás em outras províncias da Hispânia, porque o registo individual numa tribo não tinha significado de natureza geográfica, no tempo do império.

Contudo a esta tribo pertenciam quasi na generalidade os cidadãos olisiponenses, e não os da própria capital da Lusitânia, *Emérita*⁵.

¹ Cf. *A vila da Ericeira*, pelo Sr. Gabriel Pereira (Lisboa 1905), p. 23.

² Êste autor bebeu no *Catálogo dos Priores da Igreja de S. Miguel de Cintra*, etc., por Manuel Pereira de Sotomaior (1675), mss. da Biblioteca Nacional A 4,14.

³ A não ser que houvesse usurpação abusiva desta qualidade na pessoa de *L. Aelius Seneca*, em que se vê um cognome bárbaro ligado a prenome e nome latinos (Cagnat, *op. laud.*, 77).

⁴ Quando é que em Portugal se terá compreendido que, através de todos os estorvos do nosso bisantinismo, é preciso proteger abertamente a arqueologia e os arqueólogos, que são obreiros da história nacional?

⁵ Na Idanha, cujas epígrafes serão aqui publicadas, os cidadãos estavam inscritos na tribo Quirina. Em Balsa também havia membros da tribo *Galéria*.

Parece que a personagem mais importante destas famílias era Lúcio Élio Eliano; o seu nome vem no primeiro lugar antes dos de seus pais (R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, p. 255).

Em razão da ausência do D. M. S. nesta inscrição, poderia supor-se que ela era anterior a Augusto; mas essa circunstância não é suficiente base para tam rigorosa atribuição: pela frequência com que ali aparece o *nomen* gentílico *Aelius*, e que R. Cagnat (*op. laud.*, p. 49) diz que no séc. II já se achava profusamente espalhado no império romano¹, e pelas indicações paleográficas da elevada correcção d'este título, eu creio que êle pertence ao séc. I, tanto mais que o *nomen* *Julius* também pertencia a quatro indivíduos e êste nome era um preito a Júlio César.

Tendo desaparecido das inscrições, desde Caracala (fim do séc. II d. C.), a menção da tribo, infere-se também que esta lápide é anterior a êste reinado (Cagnat, *op. laud.*, p. 60). O prenome *Lúcio* era de facto, um dos usados pelos membros da *gens* *Julia* (Cf. Cagnat, *op. laud.*, p. 66).

*

Seja-me permitido lamentar que esta bela lápide, depois de ser conhecida, pelo menos, desde o séc. XVII, ainda jaza ao abandono na galilé da igreja de S. Miguel de Odrinhas, a poucas léguas de Lisboa, e fazer votos por que os que me succederem nos esforços que empreguei, para a adquirir para o Museu Etnológico, até 1910, sejam coroados de melhor êxito².

Não houve meio de vencer a relutância dos paroquianos.

Cheguei a fazer imprimir em Julho de 1908 uma fôlha volante, com o título *Inscrições existentes na igreja de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)*. Encarregou-se o Rev.^{do} Prior de distribuir alguns exemplares pelos vizinhos, membros da junta e mordomos da ermida, e de lhes explicar o mérito exclusivamente científico das lápides. Tudo foi baldado, até a proposta de compra que se fez por parte do Museu Etnológico Português, em Março de 1910. O aludido impresso, em que eu dava a tradução literal das inscrições, que o povo julga de sentido misterioso, terminava assim:

¹ Imperadores romanos d'este século adoptaram êste nome como prenome dos seus onomásticos; se esta circunstância teve influência em uma destas famílias, ela é compensada pela influência do gentílico mais antigo *Julius*.

² Seria injusto se não mencionasse aqui a coadjuvação sincera que me prestou nesta cruzada o Rev.^{do} Prior de S. João das Lampas, P.^e Porfírio Quintela.

«Nesta povoação havia muitas mais inscrições, que se perderam, mercê da ignorância geral. É o que acontecerá a estas, que ainda existem, se não forem recolhidas em algum museu. Dêste modo os actuais habitantes de Odrinhas reparariam o êrro comettido pelos seus antepassados».

Moveram-se também outras influências para domar a contumácia dos habitantes, e dêste género foram os esforços do Ex.^{mo} Sr. Dr. Álvaro de Vasconcelos, conservador em Sintra e antigo chefe do partido regenerador, no tempo da monarquia. Parece que rivalidades entre os mesários da capela e os membros da junta dificultavam a solução, mas constou-me que, na última fase das negociações, o Rev.^{do} Prior tinha aplanado as difficuldades por parte da Junta de Paróquia.

*

¡Uma cousa me causou algum pasmo, ao deparar-se-me êste monumento de Odrinhas!

¿Como é que uma lápide das dimensões desta pôde chegar até a nossa época sem precalço? Talvez tenha contribuído para esta boa ventura a lenda que a cerca, e que é a seguinte:

¡Uma certa mãe trouxe nela de longe a filha a enterrar naquele sítio, como em taboleiro à cabeça¹; a rodilha era também de pedra, vinham a ser as cabeceiras de palmatória, que se viam cravadas no chão do cemitério! Segundo a hermenêutica popular, a inscrição diz o seguinte: «cem anos de solteira (a tal que foi depois mãe); cem anos de casada; cem anos de viúva, e (*sic*) ó filha que foste tam mal lograda!»

«A avó é que veio enterrar a neta» explicou, noutra versão, a mulherzinha que assim me falava, para que eu notasse a longevidade da protagonista. Pressente-se talvez aqui um romance dolorido, mas não mais me disse a sibila saloia².

¹ Note-se a forma de taboleiro da lápide.

² A lenda é aqui, por assim dizer o porta-voz da tradição, a que já acima me referi, e fixou-se na grande lápide, por ser o vestígio mais impressionante pelo mistério das suas abreviaturas e pelas suas dimensões. O facto transmitido foi o conhecimento de uma necrópole romana naquele lugar. Nalguns cemitérios visigóticos da Gália, havia também, por espirito religioso, o costume de virem de grandes distâncias cadáveres de pessoas, que em vida exprimiam esta sua última vontade. Sem embargo, o paganismo do poliandrio de Odrinhas está bem averiguado.

Junto desta lápide está a parte superior de uma estela com o remate em arco de círculo; é de mármore encarnado. A altura é de 0^m,65, a largura 0^m,47. Não tem letra alguma. A parte restante desta pedra talvez seja a da abegoaria, a que me referirei.

*

Ao lado direito da entrada lateral da ermida, está uma pia servindo para preparar cal. Parece que foi aberta sobre a base duma tampa arciforme do tipo semicilíndrico, que tenho encontrado nesta região. No adro desta ermida está uma destas pedras, enterrada a pino; no de S. João das Lampas, como vimos, há outra; à porta da ermida da *Terrugem*, à ilharga da estrada, existe a terceira ou quarta. Em nenhuma destas se vêem letras nas faces descobertas; a de que falo tem de comprimento 1^m,25, de alto 0^m,45 e largo 0^m,62, e tem na face inferior, um rebordo saliente, cuja secção se vê na fig. 34. O tipo destas tampas é o representado na mesma figura.

O tópo desta *cupa* conserva ainda o epitáfio pagão; a leitura não é fácil, porque o vinco dos caracteres está quasi nivelado com a face da pedra em consequência dos resíduos de cal carbonatada. Assim mesmo, sem utilizar dissolventes químicos, consegui ler o seguinte:

M VALERIO ■
GALREBVRRI ■
VALERIA CIVL^AN
H S E

Que talvez possa completar-se assim:

M(arco) VALERIO [N. F(ilio)]
(tribu) GAL(eria) REBVRRI[NO]
VALERIA [CIV(is)] LAN[ciencis]
H(ic) S(itus) E(st)

A filiação vem antes da tribu (cfr. lápide supra) e por isso no 2.^o v. em lugar de suprir REBVRRI · F(ilis), seguindo a regra (Cagnat, *op. laud.*, p. 60) interpretei REBVRRI·NO, de que há exemplos.

No 3.^o v. a leitura CIV(is) é duvidosa pelo estado da pedra, porque até parece que se gravou um v em lugar de v. Também podia ler-se CIV(is) LAN(ciae), tal era o nome da cidade lusitânica. Para o 4.^o v. tem de se supôr uma segunda oração gramatical com *M. Valerius Reburrinus* ou *qui* subentendido. (cfr. Cagnat, *op. laud.*, pp. 63 e 254).

Não sendo eu epigrafista, a minha leitura é a leitura de um viajante.

Dentro da capela, à direita da entrada principal, jaz uma enorme *estela*, de mármore vermelho, a servir de banco. A parte superior é semicircular. O comprimento é de 3^m,70; a largura 0^m,45; a grossura 0^m,29. Parte dela está oculta pelo sobrado. A posição e o estado das letras tornam trabalhosa a leitura¹. O Visconde de Juromenha também capitulou de cristã esta epígrafe, mas não foi pelo formulário, foi pela circunstância de ser diferente da das outras a natureza da pedra e por causa da crença popular, que menciona, de que a sepultura foi de homem santo. O povo raspa em certo buraco da pedra o pó desta e administra-o a enfermos².

T · PLOTIVS }
GAL · CAPI }
H · S · E }

Na capela-mór, o roda-pé é baixo e constituído por azulejos hispano-arábicos, em relêvo. No camarim do trono, a um recanto, estava abandonada a *estátua medieval de S. Miguel*, de calcáreo; as feições parecem acusar um tipo flamengo. Esta bela estátua, a que falta uma das mãos, foi substituída por outra que está exposta ao culto e... põe medo à gente! A sua altura é de 0^m,75.

No adro existem ainda as *cabeceiras* cristãs nos seus lugares, o que dá um curioso aspecto ao chão. Fig. 35. Uma das cabeceiras é formada pelo pé duma mó giratória, o que mostra que, quando ali se colocou, já estas mós estavam em desuso, pelo menos na região. Fig. 36. Estas cabeceiras tem quasi todas uma cruz espalmada de braços côncavos; cruz semelhante encontra-se nesta região no portal da igreja românica de Cheleiros e na de S. João das Lampas; o que demonstra em que época foram usadas cabeceiras de palmatória. O Museu Etnológico e o de Évora tem exemplares³. (*Arch. Port.*, IV, 121). Nas vizinhanças da ermida, pelos campos, apparecem muitos cacos e outros destroços. Explica o povo que isto se

¹ No *Corpus* (II, 312) vem assim esta inscrição: T · PLOTIVS · C · F · GAL · CAPITO | H · S · E · | No *Boletim da R. A. dos Arch. Civ. Arch. Port.*, vol. VI (1888) p. 26 vem a grande inscrição de Odrinhas e a de Plotius, mas mal.

² *Sintra Pinturesca*, p. 195.

³ Já duma época posterior à medieval, apparecem cabeceiras com emblemas, em relêvo, de officios e mesteres. Vid. por ex.: *Arch. Port.*, I, 242.

deve atribuir a um terramoto. Na verdade, é dos *terra-motos*... da charrua.

*

Na parede exterior da ermida, há um arcosólio, com sepultura de sarcófago rectangular, cheio de terra e tampa quebrada em pedaços. Na luneta ou parede do fundo e no alto, está uma *lápide em gótico* minúsculo, invertida, provavelmente do séc. XIV. Mede 0^m,64 × 0^m,26. O povo diz que é a sepultura duma rainha, outros dum fidalgo de Bemfica. Tirei calcos de papel. Fig. 37.

A dificuldade da leitura provinha das muitas crostas de cal, que tive de dissolver pacientemente até desnudar os caracteres. Os vizinhos d'este lugar são extraordinariamente ciosos desta lápide em especial, porque, dizem, tem ali vindo muitas pessoas, padres até «que sabem latim», para a lerem e ninguém o tem conseguido! Eu fui um pouco mais afortunado, sem ser clérigo e sem recorrer ao meu modesto latim, com a cooperação do Sr. Jaime Silva, estudioso investigador da Ericeira. O letreiro diz assim, em bom português e em caracteres góticos:

Sepultura de fernã reganha
o velho e de seus erdeyros fer
nã de anẽ seu bysneto e pesadõ
da cidade de lxboa amãdou fã;

Este lugar da Reganha ainda existe.

Isto é: *Sepultura de fernã(o) reganha, o velho e de seus erdeyros fernã(o) de an(e)s seu bysneto e p(r)esado(r) da cidade de Lxboa amãdou faz(er).*

As letras **de** são sempre conjuntas. Na terceira linha **dõ** também.

O que seja *prezador* di-lo o *Dicionário* de Moraes; é um estimador ou avaliador, como se disséssemos *apreçador*. No letreiro há um *s* em lugar do *z* (*ç*) naquela palavra; o *p* é cortado para indicar *pr*. Também há *presor*, mas não é isso que está na inscrição, nem faria sentido.

Na abegoaria, pertencente à capela, está servindo de ombreira à entrada um pedaço de estela, que tem de alto acima do chão 1^m,99; grossura 0^m,30; largura 0^m,50. Está invertida e as letras estão em parte ocultas; só consegui ver:

L XV

AN XXIII

*

Em uma terra contígua ao adro da ermida, há restos importantes duma construção circular talvez, porque as paredes derrocadas em

parte não se unem presentemente; só examinando os alicerees, se poderia resolver esta dúvida. Chamam-lhes uns pombal, outros moimho. São de alvenaria fortemente argamassada essas paredes, tendo à mistura raros tejos; em um vê-se a zona escura interior e a vermelha exterior; a sua espessura 1^m,25. O aparelho externo e interno é o mesmo, o chamado pequeno, em fiadas mais ou menos regulares e horizontais. Os seus elementos são aproximadamente rectangulares, mas de lascas da pedreira, sem lavor. Próximo ao chão, alguns agulheiros. A certa altura, um grande rombo. Não se encontram restos de cantarias, nem vestígios de construções anteriores. A sua maior altura actual (1907) é sensivelmente de 4 metros, mas deve notar-se que as paredes são na parte superior algo convergentes, como que a formarem cúpula, aliás rota. Esta circunstância não surpreende; antes responde naturalmente à grande espessura das paredes em tam pequeno edificio. Deve notar-se que a abóbada era de avançamento. O diâmetro mede 5^m,40. Fig. 38. No pavimento encontrei uma pedra com lavores que, à primeira vista, se me afigurou um capitel jónico por causa das volutas¹, mas que uma mais detida observação me convenceu de que se trata da parte superior dum grande altar pagão², a que adiante me referirei. Parece ter tido qualquer utilização mais recente que o primitivo destino; há dentro duas cantareiras sobrepostas, que destoam do carácter do aparelho.

*

¿Qual é a antiguidade desta singular ruína? ¿Qual é o seu aspecto e significação? Perante estas naturais perguntas, fiquei perplexo. Antes de interferirem na nossa mente considerações e raciocínios teóricos ou de natureza literária, todos nós procuramos sempre soletrar no aspecto material das antigualhas a sua idade e o seu carácter. ¿Que pois nos patenteia esta construção? Uma alvenaria extremamente compacta com o paramento interno e externo de pequeno aparelho, em fiadas mais ou menos regulares e o massame de argamassa, em que entram com outros materiais alguns raros fragmentos de tejo. A época a que pode pertencer esta estrutura, não ousou eu dizê-la com seguro critério. Confesso-me insufficientemente esclarecido para estimar, com uma tolerável certeza, a antiguidade desta ruína, a querer julgar pelo seu processo construtivo. Regras históricas que definam, de maneira precisa, na disposição dos elementos componentes da alvenaria, os sistemas seguidos em cada época, creio que não se podem alegar.

Diz um notável escritor da especialidade:

«¿Que conclure de tout ce qui je viens de vous dire? C'est que les Romains

¹ Há também altares chamados jónicos, por motivo idéntico, vid. *Dict. des antiq. grecques et romaines*, par Saglio & Daremberg, vol. xi, fig. 5055.

² Foi oferecido ao Museu Etnológico pelo Sr. Manuel da Silva. Benemerência digna de nota.

et les Bysantins ont eu, quand à l'appareil, des préférences plutôt que des règles, et que les édifices bâtis sous les Visigoths sont d'appareils très divers»¹. Parece pois, que pretender haurir da técnica da rotunda de Odrinhas um argumento conclusivo para o atribuir ou à época romana ou à alta idade média, é temerário. A circunstância de ser de avançamento a cúpula permite supor o emprêgo tradicional de um sistema architectural preromano, o que não é incompatível com um período francamente romano.

É certo que os romanos empregavam nos seus edificios uma estrutura com argamassa, destinada a ser revestida de silharia ornamental ou de estuque, mas, não existindo em Odrinhas vestígios de cantaria e muito menos de outro revestimento, o meu critério fica perplexo. Assim, no envasamento do templo de Évora, vê-se a descoberto o massame de alvenaria regular, que decerto suportava o paramento visível². Mas havemos logo de tirar a conclusão de que a construção de Odrinhas não é romana? A natureza dos materiais, considerados em separado, não exclui a possibilidade de terem essa origem. Os publicistas franceses que compulsei, afirmam que o pequeno aparelho, isto é, aquele em que as pedras não tem mais de 0^m,10 ou 0^m,20 de lado, era uma alvenaria regular, abundante de argamassa muito empregada pelos romanos, mas abandonada no século xi; por vezes tinha fiadas de tejos. Não se pode negar que o paramento externo do edificio de Odrinhas é de pequeno aparelho, bastante regular. Mas na alta idade média, eu vejo-o também empregado; assim no baptistério de Poitiers (sécs. vi e vii); na igreja de Savenières (sécs. v a viii); na de Cravant [viii a x (?)] e por via de regra nos dois períodos da arte francesa chamados merovingianos (sécs. v a viii) e carolingiano (viii a x). Camille Enlart, *Manuel d'Archéologie Française*, Paris 1902, vol. i, cap. i, ii e iii, e vol. ii, p. 459.

Se volvermos os olhos para Portugal, não encontro uma base segura para uma ilação. Os exemplares de architectura cristã até hoje estudados, mais antigos, são construídos com aparelho médio de cantaria³. Restam outros em ruína (Viana do Alentejo, Idanha-a-Velha, Algarve⁴, Tróia, e a julgar por estes, que são de materiais miúdos, pode concluir-se que a rotunda de Odrinhas é de recuada antiguidade. Mas estes pertencem à architectura civil. De muralhas da idade média construídas com alvenaria, há exemplos portugueses muito dignos de estudo debaixo d'este aspecto especial. Nas minhas digressões arqueológicas, eu

¹ J. A. Brutails, *L'archéologie du moyen âge et ses méthodes*, Paris 1900, p. 128. O A. nas páginas anteriores combate as doutrinas de L. Courajod (*Leçons du Louvre*) que pretendia ver nos Visigodos os transmissores da arte e da técnica bizantina em opposição às influências romanas, demonstrando que os visigodos eram soldados e não construtores, e revelando as construções bárbaras apenas a influência do meio em que elles se lançaram — o mundo galo-romano.

² Uma bela fotografia do templo Eborense vê-se nas *Religiões da Lusitânia*, pelo Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, vol. iii, fig. 243.

³ Ed. Corroyer, *L'architecture romane*, p. 158, afirma que as construções românicas tem todas a marca visível do aparelho romano, tal era a força da tradição, executando-se ainda no séc. xi revestimentos reticulados em espinha de peixe ou em fiadas de cerâmica. A diferença existe apenas no grau da perfeição imitativa, pois que, se nos países do norte a imitação é grosseira ou infeliz, nos do sul da Europa chega a confundir-se com os modelos romanos.

Esta transcrição faço-a para que se veja o contraste com a história da architectura em Portugal. É muito curioso o que ensinou Filipe Simões da necessidade em que se viu o mosteiro de Lórvão no séc. x de pedir a um abade de Córdova, mestre Zacarias, que viesse construir no condado de Coimbra pontes de pedra e cal. No séc. viii foram da Escócia pedidos à Gália pedreiros capazes de construir lá uma igreja à moda romana, isto é, de grandes silhares.

⁴ Os dois primeiros estão inéditos, mas do segundo algo hei-de publicar em breve.

não esquecia este elucidativo elemento de estudo, mas o que não pode pôr-se em dúvida é que a qualidade de materiais próprios das regiões, se tem influência, não a tem exclusiva. Em Braga, onde o granito não falta, a parte mais antiga das muralhas, que se pode ver no sítio da Cidade, é de pequeno aparelho, e eu não sei dizer ao certo se é romana ou propriamente suévica, ou talvez menos antiga. Em Évora, segundo o depoimento de Gabriel Pereira, a muralha romana exhibia o grande aparelho, em que a silharia mede no lado maior 1^m,06, e nos menores, visíveis pelos topos, 0^m,3 × 0^m,6 (*Estudos Eborenses* por G. Pereira, nas *Ant. romanas em Évora e seus arredores*; 1891 pag. 7).

Na Idanha-a-Velha há claramente, dos mesmos dias e no mesmo edificio, aparelho grande, médio e pequeno; alego para exemplo a torre de menagem do tempo de D. Sancho II, que na parte mais alta tem o pequeno aparelho, o que se explica pela dificuldade de elevar materiais pesados, dificuldade que aliás noutros pontos parece não ter servido de obstáculo. Mas também ali vi restos de paredes romanas com grandes calhaus esquadriados com almofadas à rústica. É muito interessante o aparelho, em fiadas de espessura alternada, da parte primitiva das muralhas de Óbidos, evidentemente medievais, como medievais me parecem as de Condeixa¹ com botaréus. Em Óbidos não há teijolos na estrutura.

De modo que se, por um lado, a architectura religiosa empregava a cantaria, a civil talvez e a militar com certeza adoptavam a alvenaria com abundância de argamassa rija.

Estas considerações vem ao intento de mostrar que a estrutura da rotunda de Odrinhas, se me deixa ainda assim algo perplexo, quanto à indicação muito precisa da sua antiguidade, apenas me permite dizer que dá a impressão duma recuada antiguidade. Mas o edificio de Odrinhas, qualquer que seja a sua época exacta, tinha decerto carácter genericamente religioso, pois que construção civil ou militar não podia ser por nenhum motivo. Conservada nos edificios cristãos a tradição da silharia, e apresentando-se a ruína de Odrinhas com um aparelho muito diferente, é pouco de aceitar que ela pertença à época da architectura cristã, mesmo da alta antiguidade.

Há ainda um aspecto de assunto que não litiguei; é a planta da construção, o género de edificio a que ela poderia ter pertencido.

Quer na architectura pagã, quer na cristã ainda a mais antiga, isto é, em qualquer das épocas correspondentes, havia construções de planta circular. Citarei da última classe os baptistérios e as capelas funerárias². Mas parece-me que esta hipótese se deve excluir em Odrinhas. O baptistério, pôsto que fôsse construído em separado das basílicas, era um edificio secundário, e não se comprehende que existam as ruínas dum baptistério, não aparecendo vestígios da construção principal. Segundo os autores, desde o séc. iv existiram edificios redondos, e por esse lado não seria anacrónico attribuir a uma capela funerária a rotunda de Odrinhas³. Mas não aparece na zona arqueológica onde está si-

¹ É necessário ter-se em conta que a existência longa e acidentada de Conímbriga deve ter deixado ruínas de época diversa; creio pouco em muralhas romanas naquele oppido, como em outros, e se ela foi, na segunda metade do séc. v, arrasada pelos Suevos, do séc. vi já temos uma epigrafe cristã, do séc. vii bispos em concílios, do séc. viii uma moeda pelo menos, e do séc. ix a derradeira menção do Cronicon Albadense. (Filipe Simões, *Escritos diversos*, Coimbra, p. 30).

² Poderia ainda acrescentar algumas igrejaszinhas rurais e torres ellindricas.

³ Camille Enlart, *Manuel d'Archéologie Française*, I, 116, 148, 168 e 190; E. Corroyer, *L'Architecture romane*, pp. 53, 56, 167 e 200.

tuada esta ruína, nenhuma antigualha de carácter cristão primitivo, e a existência dum monumento daquella natureza pressupõe uma população cristã, uma necrópole, que havia de legar-nos necessariamente alguns vestígios definidos. Nada surgiu ainda. Creio portanto poder recuar ainda mais a antiguidade desta curiosa ruína e entrar pelos domínios do paganismo romano.

De planta circular legou-nos a civilização de Roma templos e mausoleus, não só naquella cidade, mas ainda nas províncias. Em Portugal o assunto ficou esgotado no vol. III das *Religiões da Lusitânia*, do meu mestre e antigo director, Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos. Em Odrinhas, várias circunstâncias concomitantes persuadem-me antes a antiga existência dum monumento funerário do que a dum templo; contudo talvez só uma escavação feita dentro da rotunda ou na zona circundante traria acaso mais algumas provas do que as que vou apresentar. Efectivamente os monumentos fúnebres levantavam-se sobre hipogeus subterrâneos, onde se guardavam as cinzas dos corpos cremados¹.

A analogia da ruína de Odrinhas com alguns monumentos sepulcrais romanos é inegável. Aduzo por exemplo o da família Pomponia, do qual restam as paredes circulares destituídas dos mármoreos que as revestiam, como no de Odrinhas subsistem as paredes, despidas de estuque que as exornava, à semelhança do envasamento do templo de Évora². É certo que várias ruínas de monumentos da época proto-cristã aparentam alguma semelhança com o edificio de Odrinhas, como pode ver-se na obra de P. Syxto, mas nenhuma antigualha desse período appareceu ainda no aro de Odrinhas, emquanto da cultura pagã os vestígios são abundantes e exclusivos. Já ficam referidas as lápides epigráficas e os seus fragmentos e, se o monumento de Odrinhas fôsse cristão, elle não podia deixar de considerar-se como tendo substituído uma instalação pagã, de qualquer género que fôsse, da qual podíamos observar as provas nos restos encontrados. Sendo assim, das paredes do edificio arruinado deveriam fazer parte materiais da época romana, como vemos em todas as construções cristãs que succederam a outras de anterior culto. Bastar-me-ia citar, se ainda fôsse necessário, as ruínas da capela de S. Miguel de Terena, construída com fragmentos de toda a espécie do santuário de Endovéllico³; mas, pelo contrario, succede que, dentro do próprio recinto da rotunda de Odrinhas, é que foi encontrado o fragmento dum importante monumento pagão, que deve relacionar-se com elle, segundo a mais provável conjectura.

*

Este monumento pagão, que já acima referi, é a parte superior da ara, descoberta em primeiro lugar pelo Sr. Gabriel Pereira⁴ e depois encontrada também por mim. Junto uma fotogravura e dois dese-

¹ Este mesmo desejo manifestou P. A. G. Barreto, autor de uma memória publicada no *Boletim da R. Ass. dos Archit. Civ. e Archeolog. Port.* vol. VI, (1888) p. 26 e oferecida em 1886 a D. Fernando. Referindo-se a esta ruína, o A. diz que ella é dum templo romano.

² Rossi, *Roma sotterranea*, vol. I, citada por P. Syxto nas *Notiones Archaeologiae et Christianae*, I, 272, fig. 86.

³ Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, 111.

⁴ Gabriel Pereira, *A vila da Ericeira*, Lisboa 1905, p. 16, e *Actas da R. Associação (do Carmo)*, sessão de 18 de Abril de 1903, em que aquelle illustre archeologo foi autorizado a obtê-la para o museu do Carmo.

nhos do que resta da ara. O fragmento mede 0^m,70 de comprimento na frente que o fotograma apresenta, e 0^m,65 na largura. A cimalha, reduzida a uma faixa lisa, (*tablette*) tem de alto 0^m,15 e os frontões, de altura ao centro, 0^m,33. Como se vê, as faces destes são diversamente ornamentadas. Enquanto de um lado ocupa o centro uma estrêla hexagonal de factura mediocre, do outro avulta um ornato cruciforme muito curioso, por se tratar de um altar pagão. Em cipos e estelas funerárias não é pouco comum a figura astral de 6 raios; em aras já é menos vulgar; há duas simétricas no monumento bracearense dedicado a L. O. M. e figurado nas *Religiões da Lusitânia*, III, fig. 97. O ornato cruciforme é ainda mais raro, tanto nas pedras funerárias como nas hierológicas, o que parece pressupor o seu carácter astrolátrico¹. Para as funerárias e desta época, creio poder dar o exemplo, embora rude, da estela de Grade (*Arch. Port.*, IX, 75). Este fragmento de ara corresponde pois à parte superior desta espécie de monumentos; faltam a base e o cipo ou dado, que neste caso seria de secção rectangular (figs. 39 e 40). O remate das *arae* ou *altaria* era constituído essencialmente pelo *focus* ou cavidade, onde crepitava a chama do sacrificio. No nosso exemplar, esta cavidade está tóscamente desbastada e apresenta, aos lados, baixas aberturas, que serviriam para activar a combustão, mas cujo acabamento os assistentes decerto não viam, porque é de supor que esta ara estivesse em lugar elevado. No resto, ela corresponde a um tipo conhecido. O cipo era sobrepujado por uma taboleta, ou espécie de ábaco, em dois de cujos lados se enrolam uns balaústres (fig. 41) como de capitel jónico, que também terminam por *cornua* ou volutas, situadas à ilharga de pequenos frontões. É também possível que, na parte superior deste altar, se fixasse um lampadário ou uma coluna, que serviriam de perfumadores; estas eram as aras *tyricremas*.

¹ Foi esta singularidade que, no primeiro relance, me sugeriu a idea de um capitel jónico de época cristã, análogo a outros conhecidos e igualmente marcados com o emblema crucífero entre as volutas ou no ábaco. Examinando a pedra no Museu Etnológico e colocando-a em posição inversa daquela em que a tinha visto, e que era com os *cornua* para baixo, fácilmente dei pelo meu engano. Numa dependência deste Museu, há dois remates de ara, semelhantes; não tem, todavia, as aberturas laterais.

No *Manuel d'Archéologie Française* (Paris, 1902) por Camille Enlart, vol. I, p. 132, fig. 38, vê-se um capitel merovingiano com uma cruz no ábaco e uma roseta de quatro pétalas entre as volutas. Todos os capitéis da basilica de S.^{to} Apolinário *in classe* perto de Ravena tem uma cruz no ábaco (*ibid.*, p. 109, fig. 28). E note-se que até a forma dos braços desta pretensa cruz induzia em êrro, pois que lhe dão o aspecto de cruz espalmada da idade média.

Seja como fôr, a técnica escultural é um pouco mole, mas a presença da cruz de braços iguais e espalmados, quasi como o modelo mediévico, é digna de registar-se, por se tratar de um monumento pagão e talvez não ter aqui esta figura carácter só ornamental¹. Por seu lado, as rosetas passam também à idade média, apelidando-as os tratadistas de «margaridas»², pela analogia floral.

Relacionar a presença da ara com o carácter funéreo da rotunda de Odrinhas não me parece superior às minhas forças. E trarei em abôno o autor já referido P. Syxto nas suas *Notiones Archaeologiae Christianae*, p. 267. Aqui se transcreve o testamento dum cidadão romano, que mandara edificar o seu mausoléu sumptuoso (*cella memoriae*) nas cercanias de Roma. Aproveito esta parte do texto: *araque ponatur ante id aedificium ex lapide lunensi quam optumo, sculpta quam optume, in qua ossa mea reponantur...* O destino do altar ficava expresso nas seguintes palavras: *curatoresque ita nominati [sacrificet] quotannis in ara quae s(upra) s(cripta) est Kalendis, etc.*

As aras eram edificadas dentro dos templos, nos peribolos ou ao ar livre; mas parece que esta era das que permaneciam junto dos túmulos, e que serviam para o exercício do culto, em comemoração do defunto, como vimos nas cláusulas testamentárias de certo cidadão romano. A falta de inscrições não me permite ir mais longe na atribuição dêste altar fragmentário que, pelas condições de descobrimento, pertenceria acaso ao mausoléu rotundiforme, capaz de sugerir na sua exiguidade o grande monumento sepulcral da família Pompónia na margem da *Via Appia*³.

Era pouco provável que êste grande fragmento duma ara pagã tivesse aparecido noutro ponto dêste campo de antiguidades romanas e fôsse transportado para dentro do recinto circular; não; teria sido destruído nesse sítio e aproveitado nas construções, como o foram outros materiais da mesma época.

Por isso afigura-se-me que, tanto etnográfica como materialmente, o resto da ara encontrada dentro da ruína de Odrinhas se relaciona com a natureza fúnebre do edificio que ela representa. A existência dum grande poliândrio romano não é contestável em presença de tantos epitáfios; e o carácter desta construção só muito ilógicamente

¹ Uma pedra da Citânia de Briteiros tem também uma figura crucial.

² Êste género de ornamentação floral é muito antigo; é já comum na arte dos assírios.

³ Rossi, *Roma Sotterranea*, vol. I, tav. I.

poderia deixar de se relacionar com a natureza do próprio lugar, em que foi erguida.

*

Mas no alpendre da ermida existe uma epígrafe de que vou occupar-me e que pertenceu a um mausoléu romano. A um canto da alpendrada há uma grande mesa de pedra para as merendas dos romeiros. Um dos pés é constituído por um fragmento de cipo: é a parte inferior e o fuste quasi todo duma pedra, que está porém invertida. As letras são diminutas relativamente às dimensões da lápide. Não as copiei logo, porque precisava limpar a superficie e isso despertaria desconfianças que iam valorizá-la. Creio que ainda ninguém, antes de mim (1907), notára que estava ali uma grande inscrição. A altura dos caracteres é de 0^m,033 e 0^m,023. A da pedra é de 0^m,78; largura 0^m,40 e espessura 0^m,25. Será difficil resistir à aproximação destes dois factores: *primo*, os restos dum monumento architectónico, que pode ser um mausoléu; *secundo*, uma lápide com inscrição em que se menciona a criação dum edificio fúnebre com a designação de *mausoleum*; dada a raridade de tais monumentos na Lusitânia. Em *Olisipo* havia outro, segundo uma inscrição do *Corpus*, e os dois locais não são tam afastados que não pudessem um monumento servir de exemplo a outro ¹.

¿Pertenceria a pedra com a inscrição dedicatória ao monumento rotundiforme de Odrinhas? Reconheço que não posso fazer outra cousa, que não seja presumi-lo. O letreiro está carcomido, de modo que impossível é trasladá-lo completo. Contudo aqui reproduzo o que pude conseguir ².

U.....LIAN
O LI..... CEO ECESV
OV..... H
SINAMPLISSIWA..... EODEM
OMISSVS D BS ...
TACENSISPROCVINC
.....RMILIT TAPI.....
...SNPROEN
..LEO..MA'SOLE...ANP..D..
....ROPE..NETA...
.....VR..DV...PN..RTWA..
D.....

¹ Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 387.

² Em conclusão: debaixo do alpendre da capela há 3 pedras com inscrições romanas, pedras que não fazem parte da construção, e dentro do próprio templo-zinho, há uma 4.^a lápide, que serve de assento (1907). É evidente que não servem ao culto cristão.

Esta inscrição que, pelo estado de corrosão da pedra, não sei se encontrará ainda o seu Mommsen, devia ter sido muito importante para a história da dominação romana na Lusitânia. As suas letras esguias parecem da época de Trajano (Ricci). É lamentável a perda do étnico -CENCIS, do PROC(onsul) de PROVINC[iae] e TR(ibunus) MILIT(um)... O que me agora interessa é a palavra MAVSOLE[um], que denota provavelmente que esta lápide pertencia a um monumento fúnebre, elevado talvez por D(ecreto[d]e curionum). A pedra conserva ainda parte da cornija e, no seu lugar, está invertida, o que dificulta desesperadamente a leitura das poucas letras visíveis¹, tornando-a duvidosa na sua maior parte.

*

Os vestígios de povoação ou de necrópole são inegáveis; numa curta área, não só há muitos tejos esparsos no chão das terras, como a pedra, de que são feitas as paredes de vedação, tem aspecto diverso da que entra em paredes mais afastadas. Na parede duma terra ou campo que está na frente da ermida, para o lado do norte, está um triturador de basalto, que tem nada menos de 0^m,80 de comprimento. Numa outra encontrei novo triturador, que o dono, o Sr. Manuel da Silva, ofereceu ao Museu. Veja-se adiante a fig. 44. Noutra parede, a do adro, encontrei um fragmento de lápide (VS · A) que levei para o Museu.

A certa distância para noroeste, há um cabeço cheio de penedia, a que chamam o *Penedo da Barreira*, onde subi porque o local podia ter sido estação autóctone. O único vestígio que vi, foi um triturador em cima de uma parede. Os que se encontram nas ruínas de origem romana são iguais, o que apenas demonstra sobrevivência de costumes indígenas. De baixo para cima não vieram eles. Este cabeço é quasi um montão de penedia. Num ponto há um pedregulho pôsto ao alto, como um menhir. Deve ter 5 metros de alto e 3 ou mais de circuito. Não vou jurar que seja de origem prehistórica. Mas com este, há mais dois numa só linha recta. O do meio está lançado por terra e partido em dois, o que faz supor que já esteve em pé. O terceiro mais setentrional é o menor. Todas as pedras tem superfícies arredondadas decerto pela erosão atmosférica.

Disseram-me que no Vale (Montelavar ou Terrugem) há numa fonte uma pedra com letras. O meu amigo e actual conservador do

¹ Por todos estes motivos esta lápide deve ser adquirida pelo Estado; só no remanso de um Museu poderá ser estudada a fundo.

Museu Etnológico Dr. Vergílio da Fonseca, publicou no *Archeologo Português* vol. XVII, p. 169, um artigo intitulado *Antiguidades de Armez (Concelho de Sintra)*, e eu penso, que a inscrição aí estudada, não é outra senão a de que me deram notícia nesta excursão.

*

Próximo dêste lugar de Odrinhas, há outro com o nome de Funchal. Abundam aí umas chamadas *covas dos Mouros*, que parecem silos ou tulhas. São abertas no saibro duro e tem a altura dum homeni com o braço erguido. A sua forma é como a dum *dolium*; na sua totalidade estão entulhadas¹. Aqui também reûni alguns utensilios neolíticos.

Na volta, em Odrinhas, adquiri um *descanso* de ferro de engomar, com recortes. Fig. 42; N.º de entrada no M. E. P.: 1060.

IV

Façamos agora um zigue-zague para sudoeste, e não perderemos tempo com uma pequena demora em Montelavar.

A ourivesaria da igreja é magnífica; constitui um museu reduzido. Uma grande cruz processional, que o Rev.^{do} Prior me informou já ter estado na Exposição de arte, pareceu-me gótico flamejante². Relacionei mais duas cruzes do séc. XVII; um cofrezinho com tampa de secção sextavada, do mesmo século. Uma custódia, talvez do séc. XVIII (principio). Na igreja dois quadros de tábuas; um do séc. XVI, talvez escola portuguesa; outro do séc. XVII. A capela-mor é manuelina. Azulejos hispano-arábicos e do séc. XVII. Duas arcas com ferragens, talvez do séc. XVII. Na sacristia um rico crucifixo com rendilhado de metal amarelo, do séc. XVII, e um Santo-Cristo de marfim³. Algumas pedras

¹ Estas *covas dos mouros*, interpretadas e descritas fantásticamente por algum anónimo informador, são porventura as que fizeram supor ao Sr. Maximiano Apolinário, que se poderia tratar de grutas préhistóricas. Coincidindo a denominação e a freguezia, pois que o lugar de Funchal pertence de facto a S. João das Lampas, lembro-me de que estes silos é que eram as tais *covas dos mouros* (*Arch. Port.*, I, 237). Também Estácio da Veiga refere obras idênticas nas *Antiguidades de Mafra*, p. 19, etc.

² Veja-se *Exposição retrospectiva de arte ornamental: Cartas ao Redactor do Correio da Noite* por A. Filipe Simões, Lisboa 1882, p. 69, e *Catálogo* da referida exposição, vol. II, n.º 36 da sala M, fig. 114 (séc. XV).

³ Prefiro esta expressão genuinamente portuguesa-popular à tam vulgarizada de um *Cristo*, porque esta é importada do estrangeiro.

sôltas dignas de conservação, provenientes de reconstrução, como uma pia de água benta, etc.

Continuei a ter notícias de achados de *coriscos* e *pedras de raio*, que ninguém recolhe.

*

Cheleiros... só um lance de vista. O pórtico da igreja é românico, com o arco já porêem em ogiva e um colunelo de cada lado. Os capitéis tem fôlhas lanceoladas simples. Fig. 43. Iguais vêem-se no pórtico da igreja de S. Filisberto de Dijão (Camile Enlart, *Manuel d'Archeologie Française*, I, 243, fig. 90). No frontão êste portal tem, de cada lado, uma cruz igual às que se encontram nas cabeceiras de sepulturas, o que prova que pertencem à mesma época. No fecho do arco, na face anterior, há outra destas cruzes de menores proporções.

*

Era preciso não esquecer Santo Isidoro, onde infelizmente não pude tatear a origem ou ponto de partida da lenda, que encontrei em Odrinhas. Contudo foi próximo da igreja, segundo me informaram, que foi encontrada uma lápide que está no Museu Etnológico, da quinta dos Chãos, (Concelho de Mafra). A igreja é toda forrada de azulejos datados e com alguns quadros (1670?); o arco cruzeiro pareceu-me manuelino; na sacristia há um quadro sobre madeira, muito grande, o qual representa Jesus Cristo na cruz entre Nossa Senhora e S. João, do séc. XV ou XVI, e no fundo há uma fortaleza, guerreiros da época, etc.; embora pouco correcto, tem valor; parece que foi encontrado num palheiro; ha um cálix magnífico de tintinábulo ou campainhas, em estilo mixto de gótico e renascença, sem ser manuelino. O nó é gótico; a copa renascença. Disseram-me que também havia uma custódia igual, mas foi vendida para se comprar outra moderna, que nada vale! Tempos depois, obtive para o M. E. P. dois artefactos preistóricos, que o Sr. J. Bernardino e Silva ofereceu, informando que foram colhidos no Monte Godel. São um machado de gume largo, mas algo curvo à maneira de goiva e uma faca de sílex de secção trapezoidal (N.^{os} 3001 e 3002). Aquele mede de comprimento 0^m,10; no gume a largura é de 0^m,05. Esta tem o comprimento de 0^m,085.

*

É tempo de regressar ao ponto de partida; voltemos a cara ao oceano e vamos dar a um sítio à beira-mar, já no concelho de Tôr-

res Vedras, chamado Assenta. Pouco importa ao leitor como é que esta volta se pode fazer; por estradas, não; nem as há. Que isolamentos, meu Deus? Mas lá estava a guarda fiscal! Eu ia ali ver uma chamada *Cova da Moira*. Efectivamente o buraco, que com este nome me mostraram, está na margem dum regato que no verão encharca e cria juncos. Está aberto num saibro duro, em sítio onde não pode ser tomado por mina de água, nem por fenda natural da rocha. É certamente artificial. Mas preistórico? Julgo que não. A boca estava quasi entulhada, porque exploram o barro; era porêm estreita. Um homem lembrava-se de ter lá ido em pequeno. A cova é quasi toda constituída por um corredor, em que um homem cabe à vontade. Tem dos lados umas *cantareiras* ou nichos. O chão mostrava ser terra muito batida. Já lá andaram a escavar, sonhando com dinheiro. Esta gruta era (dizem) para a gente do *Casal* se esconder, pois comunicava com esta povoação. Em todo o caso, informaram-me que terá 50 metros de extensão. Nunca lá apareceu nada, nem ossos, nem cerâmica, e creio que com razão.

Contou um homem, que na foz do Sisandro apareceram muros de alvenaria com argamassa.

As *pedras de raio* são frequentes, mas a gente não faz *quaso*. Não encontrei notícia de antas ao norte.

Na foz de S. Lourenço, encarreguei um homem de Ribamar de saber se havia grutas, porque eu tinha visto concavidades nos despenhadeiros.

Nesta isolada povoação, dei com a vista num *banco de encôsto*, de fabrico local. O assento servia de arca. Estes modelos do antigo mobiliário português vão apodrecendo ou são relegados... para o forno.

Na Assenta e Ribamar encontrei, na mão dos habitantes, alguns utensílios preistóricos de pedra polida, entre os quais notarei um amuleto perfurado. São estes restos o atestado da antiga habitabilidade de regiões, onde se não encontram já vestígios de monumentos, e por isso o seu aparecimento, mesmo avulso, é importante documentalente. Duma povoação a NO. da Ericeira, *Casais*, que fica na margem direita da Ribeira de Ilhas, vieram trazer-me um bojo de ânfora romana, que estava servindo de coelheira! Logo a adquirir para o Museu Etnológico Português, onde tem o n.º 1090, de entrada. Fig. 44. Em outros pontos do percurso desta ribeira tem aparecido vestígios da cultura romana¹.

¹ Vejam-se as obras citadas de Estácio da Veiga e de Gabriel Pereira.

A pouca distância já da Ericeira, encontra-se o primeiro pôsto das linhas de Tôrres Vedras, Milreu. Era mais para o norte o segundo, segundo informações.

Feriram-me a atenção, lingüisticamente, as pronúncias sem ditongo de *ruivo* e *duida* (dúvida) com ditongo.

Compendiarei agora os utensílios prehistóricos adquiridos em diferentes povoações dos concelhos de Sintra, Mafra e Tôrres Vedras.

V

Estudo dos utensílios de pedra polida

O giro, que fiz em tôrno da Ericeira, abrangeu terrenos dos três concelhos de Sintra, de Mafra e de Tôrres Vedras; em todos êles fiz aquisição de instrumentos prehistóricos, competindo ao concelho de Sintra dez; ao de Mafra, doze e ao de Tôrres, seis. Não se conta entre estes um esferóide, que colhi nas proximidades da ermida de Odrinhas e pode ter servido de percutor; a sua forma achatada e as depressões nos polos, aliás mal definidas já, permitem esta atribuição. (N.º de entrada no M. E. P. 1061). Por lialdade devo, porém, reproduzir as palavras do ilustre geólogo e meu distinto amigo Sr. Paul Choffat, a quem escrevi sôbre êste achado: «La roche semble avoir été primitivement une agglomération de petits cristaux de fer magnétique, qui est en partie oxydé (parties lisses et brunes). On en trouve sur le pourtour du granite de Cintra, au contacte du calcaire. La forme semble être, en grande partie, accidentelle. Ce devait, en tout cas, être un fort mauvais percuteur, vu son peu de consistance¹.

Como nos mesmos campos encontrei um triturador, de que dei um desenho, e além disto os machados prehistóricos não são raros nesta região, que aliás já é conhecida pelas relíquias do seu mais distante passado, a classificação, que dei ao percutor de pedra, não é, pelo menos, absurda. O triturador é de uma rocha preta, aparentemente compacta e rija, e a escavação característica occuparia todo o pesado calhau; o que existia porém, era apenas metade; a fractura foi transversal. (N.º de entrada no M. E. P. 1092). São estas as suas dimensões: comprimento 0^m,43; largura maior da depressão, 0^m,35; espessura no fundo da cavidade 0^m,35. (Fig. 45).

Estas mós, que em Portugal aparecem desde as antas, e que em França datam outrossim do neolítico (J. Dechelle, *Man. d'Archéol.*

¹ Carta de 15 de Abril de 1908.

préhist., I, 345), conservaram-se em uso até o conhecimento da mó giratória, que os romanos já cá encontraram adoptada nos nossos castros; por isso um exemplar captado avulsamente, como este de Odrinhas, não fornece uma indicação cronológica suficientemente precisa.

Quanto aos 28 instrumentos prehistóricos colhidos no meu torneio, não vou sobrecarregar esta notícia com a descrição técnica de cada exemplar; destacarei uma dúzia, por oferecerem algum interesse particular. A numeração de entrada, com que foram lançados no Museu Etnológico Português, é: para os de Sintra n.^{os} 1062 a 1071; para os de Mafra, n.^{os} 1072 a 1082; para os de Torres Vedras n.^{os} 1083 a 1088.

Instrumentos neolíticos do concelho de Sintra

N.^o 1062. Pelas suas dimensões, menciono em primeiro lugar o machado neolítico com este número de entrada, adquirido em Odrinhas. Mede 0^m,26 de comprimento. É de secção circular, sendo o diâmetro 0^m,049 e a circunferência 0^m,150; na ponta, que é aguda, tem 0^m,015 à distância regulamentar de 0^m,01 da verdadeira extremidade. No meio, este instrumento tem uma falha que o torna mais estreito (0^m,040) e o gume está quebrado. Foi primitivamente polido em toda a superfície, mas apresenta agora uma parte com aspecto rugoso, como se fôsse alterada por um líquido corrosivo, em que o machado tivesse estado imerso parcialmente e em posição quasi horizontal; não sei explicar esta circunstância. Pêso: 918 gramas.

N.^o 1065. É um curioso utensílio, inteiramente polido, de rocha negra e dura. Uma das extremidades forma um plano quadrilátero convexo, de lados levemente arqueados, medindo os referidos lados 0^m,035 $\times$ 0^m,041. A outra extremidade, a ponta é um cone truncado com base para o centro do utensílio. Comprimento: 0^m,095; espessura ao nível da largura 0^m,034; diâmetros da ponta a 0^m,01 de distância: 0^m,024 $\times$ 0^m,017; circunferência ao nível da largura: 0^m,134.

Provêm de Odrinhas. Parece que a extremidade activa seria a do plano convexo e a oposta constituiria o espigão destinado a ser embebido num alvado de madeira ou chifre, mas talvez este utensílio pudesse ser utilizado assim mesmo. O seu destino parece ter sido o de polir ou alisar, e para esse efeito não precisava de encabamento. A sua conservação é perfeita. Pêso: 282 gramas. (Fig. 46).

N.^o 1067. O utensílio, designado por este número de entrada, tem o comprimento de 0^m,082; largura de 0^m,024; espessura de 0^m,016; circunferência ao nível da máxima espessura 0^m,073.

O seu gume é assimétrico; emquanto plano de um lado, é convexo do lado oposto. Esta curvatura do gume prolonga-se em superfície

plana pelo corpo da pedra e pelo contrário, a faceta plana continua desenhando uma curva convexa, o que dá a este utensílio, visto lateralmente, um contôrno plano-convexo. Toda a superfície é polida; a secção é quadrilátera, mas as arestas deste prisma são boleadas. É preta a rocha. A 0^m,046 do gume, na face convexa, nota-se como que o ensaio duma pequena cavidade, produzida, não pelo sistema da perfuração preistórica, mas por pancadas repetidas de ponta dura. Conservação perfeita. Pêso: 65 gramas. (Fig. 47).

N.º 1070. Machado neolítico polido apenas nas faces cuja junção determina o gume, e apenas nas superfícies salientes. Nas outras e nas faces que correspondem aos lados menores do quadrilátero, que a secção do machado representa, não há polidura; a rocha apresenta-se com a aspereza natural das fracturas. Em outro exemplar proporei uma explicação desta particularidade. O comprimento é de 0^m,14. As outras suas dimensões são: a 0^m,01 do gume, espessura 0^m,008; na maior espessura 0^m,044; na ponta 0^m,038. O gume mede 0^m,035 de largura, a ponta 0^m,027. O gume está muito gasto. Pêso: 325 gramas. Fig. 48.

N.º 1071. Este tipo de instrumento preistórico encontra-se menos freqüentemente que o machado cilíndrico ou o naviforme. O contôrno dá suficiente idea do seu feitio. Mede de comprimento 0^m,094; de largura 0^m,060 e de espessura 0^m,027. A sua secção transversal é subquadrangular e a longitudinal é actualmente uma elipse muito deprimida e alongada. É rocha polida, e os dois supostos gumes estão muito gastos pelo uso. Provem do lugar de A-do-Longo. Pêso: 339 gramas. Fig. 49.

Instrumentos neolíticos do concelho de Mafra

N.º 1072. Esta espécie de machados é caracterizada pelo trabalho de preparação ou fabrico que neles se revela, segundo creio. Devem considerar-se neles as suas quatro faces, polidas duas; em bruto, outras duas; estas, que são as mais interessantes, são formadas cada qual por duas facetas longitudinais e contínuas, provenientes respectivamente de duas lascas que deram a forma lateral do utensílio. Assim é que conservam a rugosidade natural da rocha. As outras duas faces são polidas, como disse, e reunindo-se, formam em uma extremidade o gume. Em consequência disto, a secção do machado é quadrangular e o aspecto naviforme. O comprimento do que estou descrevendo é de 0^m,133; a sua maior largura, junto ao gume, que está bem conservado, 0^m,045; a espessura a meio 0^m,035 e a 0^m,01 da ponta 0^m,023. Pêso: 328 gramas. Fig. 50.

N.º 1074. Os utensílios dêste tipo não ultrapassam, *grosso modo*, o máximo comprimento de 0^m,10. Êste tem o de 0^m,084. O seu aspecto é o de um escopro espesso. É todo polido, de modo que, sendo quadrangular a sua secção transversal, as arestas tornaram-se boleadas. O gume de facetas simétricas está gasto. A sua largura no plano paralelo ao gume é de 0^m,020; a espessura quasi igual, isto é, 0^m,016. As suas faces são sensivelmente paralelas entre si, o que dá a êste objecto formas de paralelepípedo, tanto mais que a ponta é uma superficie convexa. Pêso: 65 gramas. Fig. 51.

N.º 1076. É também curiosa a forma dêste machado ou enxó. No plano do gume, que tem um perfil bastante convexo, é trapezóide, embora algo assimétrico. No plano perpendicular ao gume é plano-convexo, mas os planos ou facetas do gume são aproximadamente simétricas. É polido inteiramente, mas grosseira a superficie; a ponta está esmurrada. O seu comprimento é de 0^m,112; máxima largura 0^m,051 e junto à ponta 0^m,023; máxima espessura 0^m,033. Pêso: 288 gramas. Fig. 52.

N.º 1078. Êste machado pertence ao tipo curvo, porque no plano do gume ele é côncavo-convexo. Está fracturado ao meio. É todo polido, mas áspero e grosseiro. O gume tem uma *bôca* proveniente do uso, e foi renovada sobre a pedra de polir, pois que uma das facetas não é a primitiva. Comprimento actual é de 0^m,132; largura junto ao gume 0^m,052 e junto à ponta 0^m,044; a espessura máxima é 0^m,041 e a 0^m,01 da fractura 0^m,040, o que lhe dá um aspecto mago. Emfim, a circunferência máxima é de 0^m,145. Pêso: 500 gramas. Fig. 53.

N.º 1081. O que caracteriza êste machado, que é de fibrolite, é a forma agoivada do gume, que aliás se encontra muito deteriorado; deve porém notar-se que a largura máxima e bem próximo do gume é de 0^m,57; e na ponta 0^m,027. A espessura é de 0^m,031, sendo elíptica a secção transversal. No plano do gume é trapezoidal, mas a ponta está fracturada. De comprimento mede 0^m,121. Circunferência 0^m,139. Pêso: 393 gramas. Fig. 54.

N.º 1082. De forma triangular; curto e agoivado, êste utensílio é também digno de nota. Numa perspectiva transversal reconhece-se a curvatura do gume do género da goiva. Está em perfeito estado de conservação e perfeitamente polido como todos os desta rocha, fibrolite. Comprimento 0^m,065; largura na corda do gume; que é normalmente convexo, 0^m,054; e na ponta ou vértice do triângulo (a 0^m,01 do extremo absoluto) 0^m,020; espessura máxima 0^m,015 apenas. Pêso: 75 gramas. Fig. 55.

Instrumentos neolíticos do concelho de Torrões Vedras

N.º 1083. Bem caracterizado está este objecto asciforme pelo orifício tipicamente prehistórico e pela gravura adjunta. Fig. 56. Na ponta há um orifício de suspensão, constituído por dois cones invertidos e assimétricos, o que faz que o ponto de junção dos vértices seja excêntrico. Das duas circunferências externas deste orifício partem, na direcção do gume, dois sulcos ou incisões de secção triangular, que diminuem gradualmente de profundidade até a superfície da pedra onde terminam, tendo o maior 0^m,012 de comprimento e o menor cerca de metade. Escusado é esclarecer que estas gravuras se encontram nas faces opostas do objecto. É ainda curioso o aspecto ou a cor, não ousando dizer a pátina, deste exemplar. Parece ser duma rocha branca e até translúcida como o quartzo, mas a sua cor actual é escura, como enfumada desigualmente¹. Dir-se-ia que foi usado em suspensão por um indivíduo, durante longos anos, mas em contacto com a pele debaixo do vestido, qualquer que elle fôsse, em todo o caso, subtraído ao contacto do ar livre. Também lembra a acção do fumo, por ter permanecido junto de um lar, antigo ou moderno. A sua forma é trapezóide, mas o gume é quasi circular; está porém esmurrado em parte. O comprimento é de 0^m,096; largura máxima do lado do gume 0^m,040 a 0^m,010; da ponta 0^m,020; espessura 0^m,014. Já tem sido aventada a hipótese de ser a suspensão destes objectos por um fio uma conveniência do seu porte para uso, como ainda actualmente penduramos de uma corrente várias miudezas que trazemos na algibeira, para uso diário. Pêso: 95 gramas.

N.º 1084. Com este número ficou designado um objecto de pedra, que parece ter tido carácter amulético ou ornamental, se é que se torna sempre possível determinar nitidamente esta distinção, mas que também me parece ter ulteriormente sofrido alteração.

Uma delgada placa de pedra, com aspecto ardosiano, isto é, negra e lisa e de contorno mitral. Na base há um orifício afunilado, mas de forma excêntrica. O triângulo, que remata o objecto, é que se me figura ser uma deturpação, embora talvez antiga. As faces laterais são rectas e polidas, mas as de remate tem uma polidura diferente, e em parte mostram as irregularidades de uma fractura. O comprimento total é de 0^m,085; a largura na base 0^m,022; a máxima 0^m,031; a espessura 0^m,01. Pêso: 95 gramas. Fig. 57.

¹ Há uma variedade de quartzo *enfumado*, mas não me parece ser o presente caso.

N.º 1088. Machado possante êste que descrevo agora. Com quási 2 decímetros de comprimento ($0^m,199$), de secção quási circular, mede de circunferência $0^m,161$. É aparentemente plano ou mesmo côncavo-convexo no plano perpendicular ao gume, mas julgo esta forma casual, porque não se harmoniza com a ligeira assimetria do gume, cuja faceta mais convexa é precisamente a do mesmo lado da reentrância acusada. A largura máxima é de $0^m,050$ e na ponta de $0^m,024$. Espessura $0^m,042$. A forma geral é trapezoidal alongada, e a ponta é acuminada no mesmo plano do gume. Pêso: 777 gramas. Fig. 58.

¿De que monumentos ou estações provêm estes antigos restos da indústria humana? Não pude encontrar vestígios nem indícios, que me guiassem nessa pesquisa. É certo que os houve e isto demonstra, a meu juízo, que o que presentemente se encontra por aí, neste capítulo da arqueologia portuguesa, é uma parte mínima daquilo que os nossos antepassados da História tiveram debaixo dos olhos, infelizmente sem poderem tirar proveito algum científico do que iam destruindo ou desprezando.

Finalmente, creio não se poder afirmar que esta variedade de formas correspondia sempre a uma especialização de funções. Um acaso do calhau aproveitado para utensílio ou arma, um resultado da sua mesma utilização, obrigariam o artífice neolítico a salientar mais uma face da pedra e a cavar outra; a arquear o gume mais de um lado do que do outro. Formas preconcebidas decerto as houve, mas julgo que não se pode levar muito longe esta rejeição sistemática do acaso, na tipologia dos utensílios de pedra polida. (Cf. *Portugalia*, I, 461).

Lisboa, Dezembro de 1914.

F. ALVES PEREIRA,

Ex-Conservador do M. E. P.

Extractos do arquivo da Paróquia de S. Pedro da Ericeira

A actual ermida de Santa Marta na vila da Ericeira foi edificada nos fins do século XVIII.

A primitiva ermida, já muito arruinada naquela época, foi demolida, e era construída um pouco mais para o lado do sul da actual, num terreno que fica hoje dentro do parque das Águas Medicinais de Santa Marta.

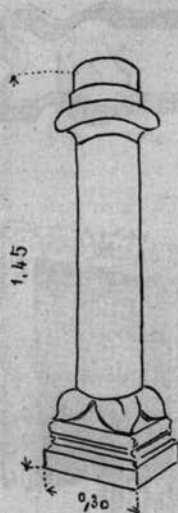


Fig. 1

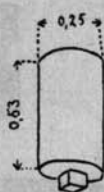


Fig. 2

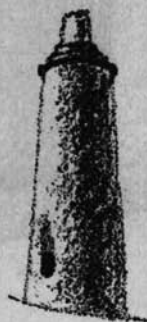


Fig. 6

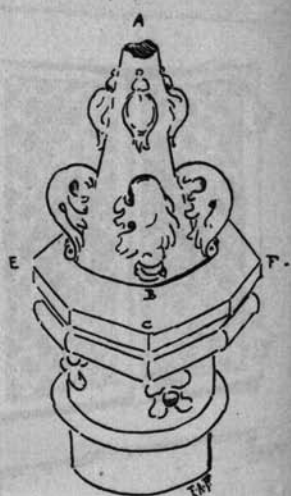


Fig. 3



Fig. 9



Fig. 5



Fig. 7

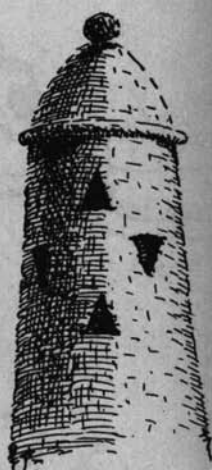


Fig. 13



Fig. 8



Fig. 10

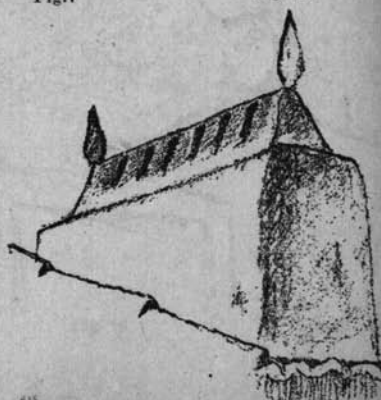


Fig. 11

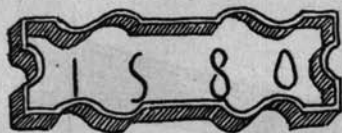


Fig. 4

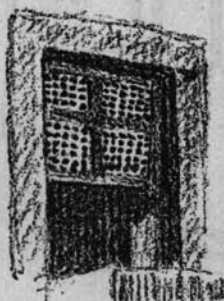


Fig. 14

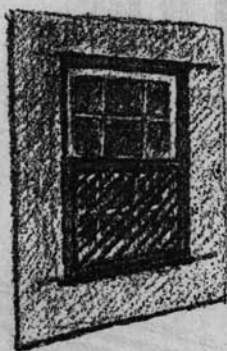


Fig. 16

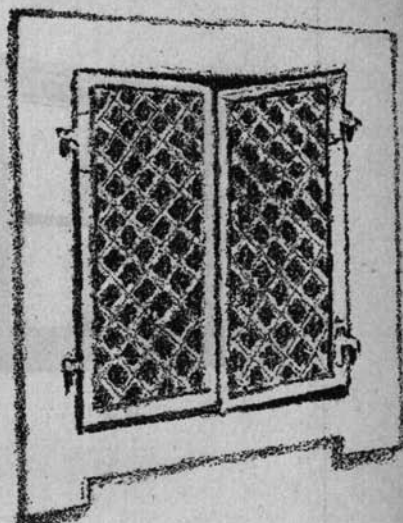


Fig. 17

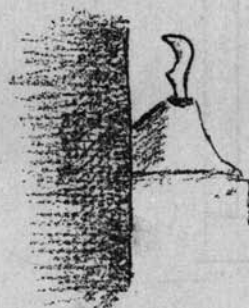


Fig. 12



Fig. 18

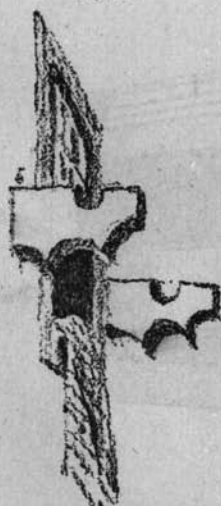


Fig. 15

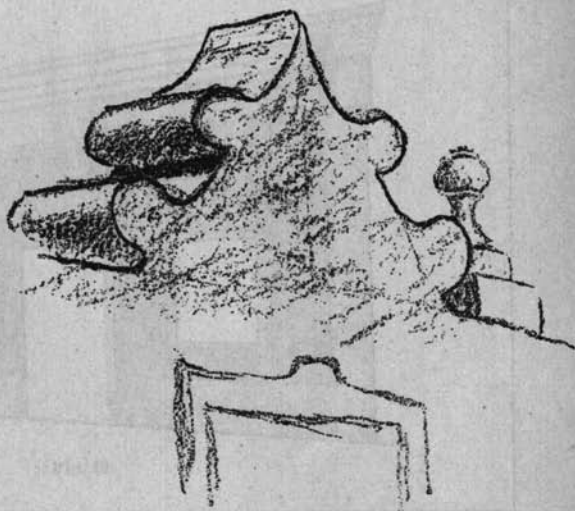


Fig. 19

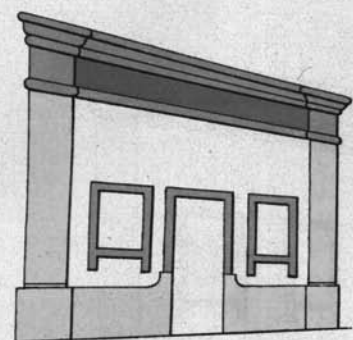


Fig. 20

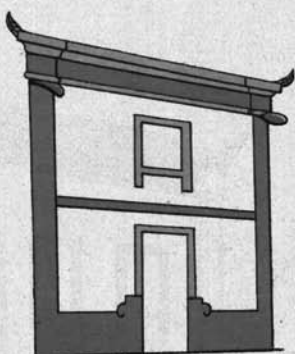


Fig. 21

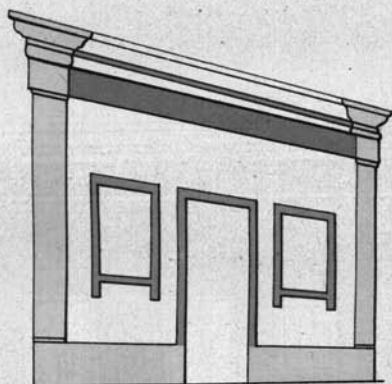


Fig. 22

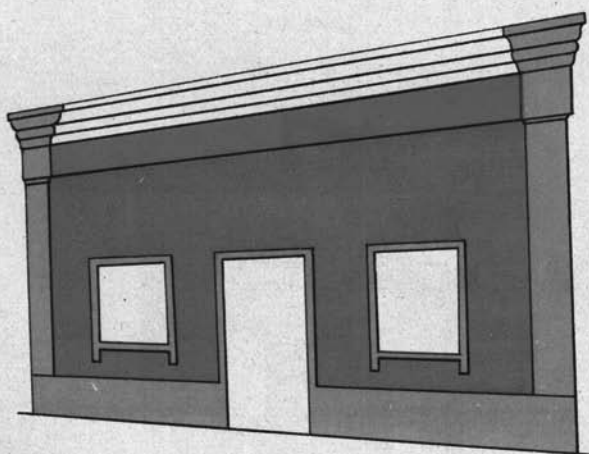


Fig. 23

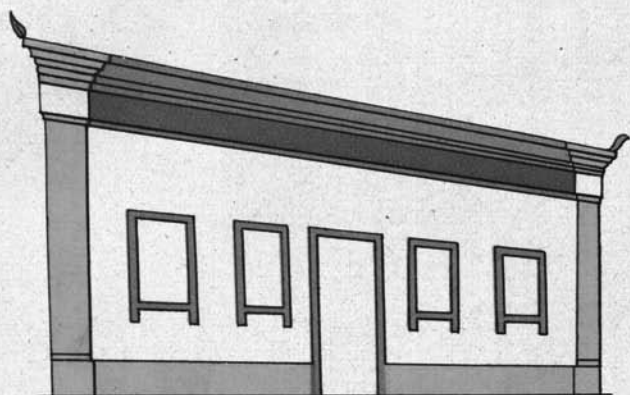


Fig. 24

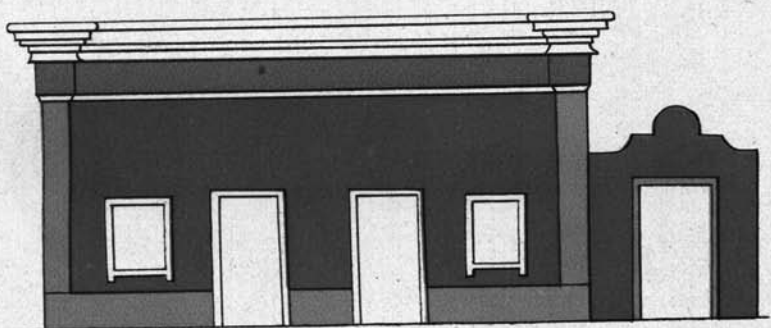


Fig. 25

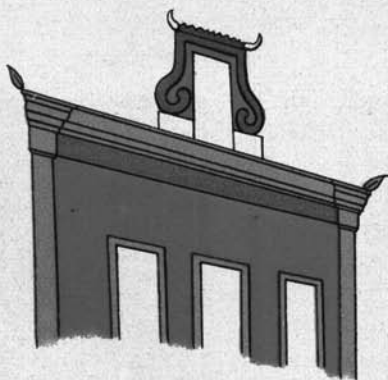


Fig. 26

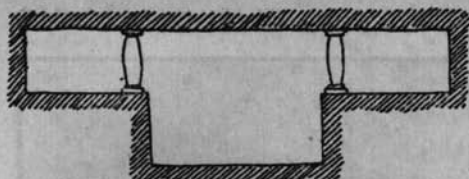


Fig. 27

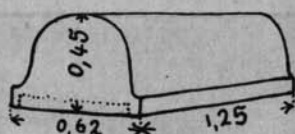


Fig. 34

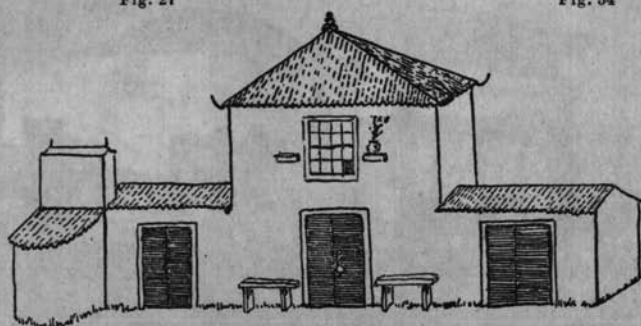


Fig. 28

Támuluarez do carrey honnoço e pagu

Fig. 29

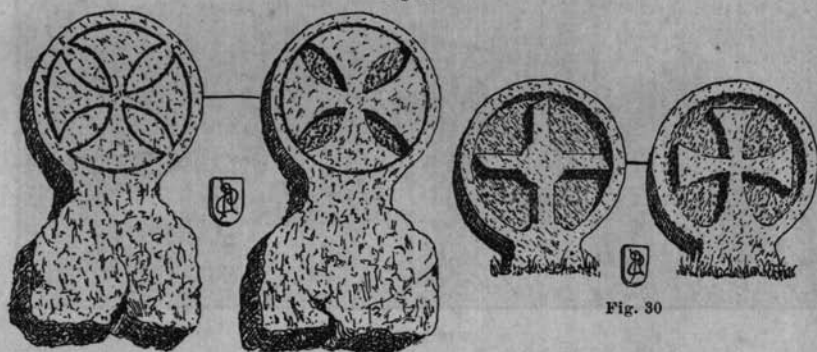


Fig. 31

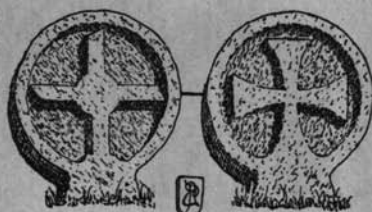


Fig. 30

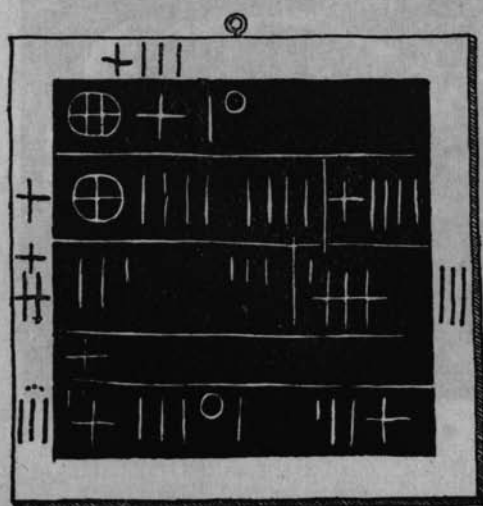


Fig. 33



Fig. 32



Fig. 36



Fig. 35

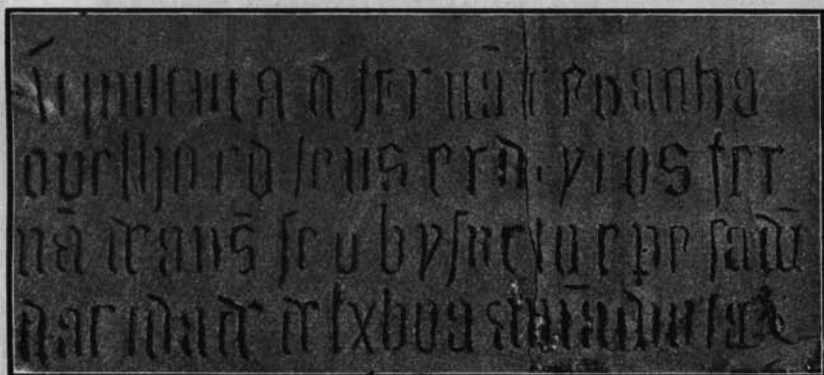


Fig. 37



Fig. 39



Fig. 38

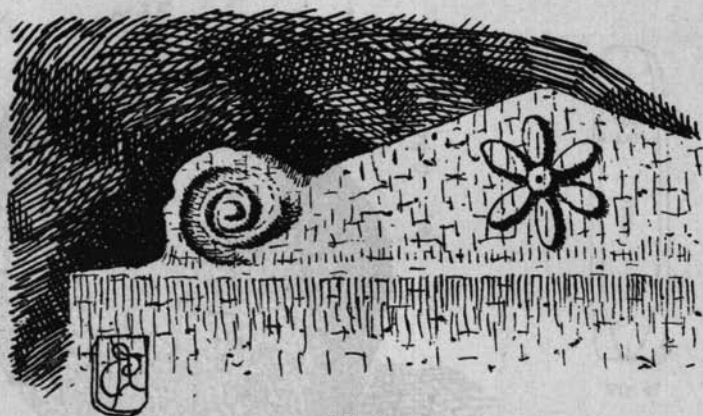


Fig. 40

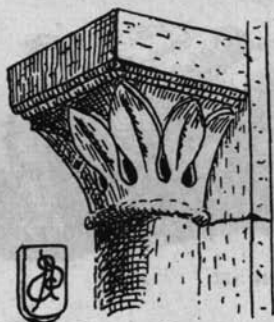


Fig. 43

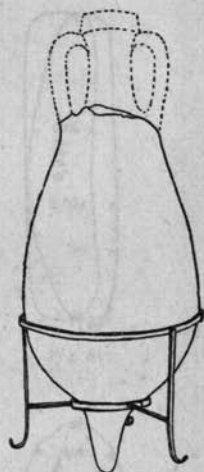


Fig. 44

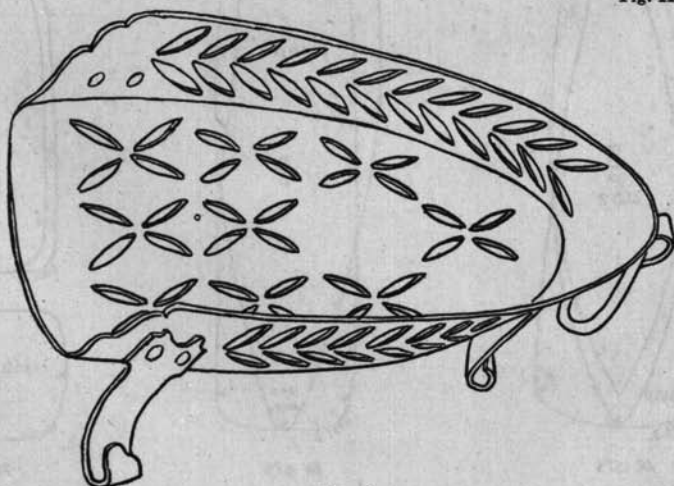


Fig. 42

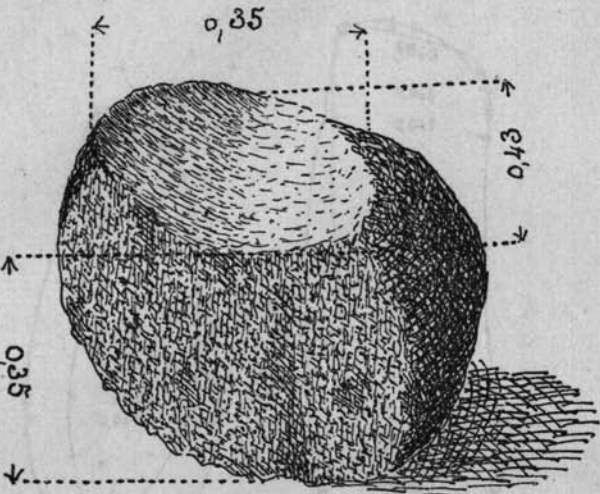


Fig. 45



Fig. 41

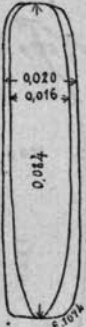


Fig. 47



Fig. 51

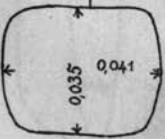
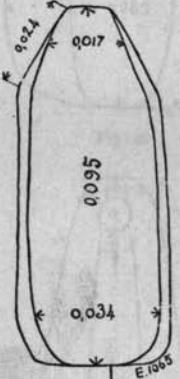


Fig. 46

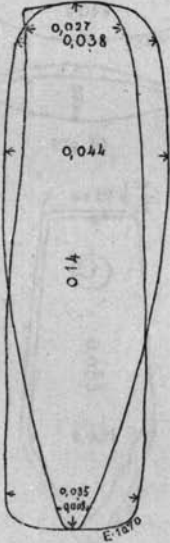


Fig. 48

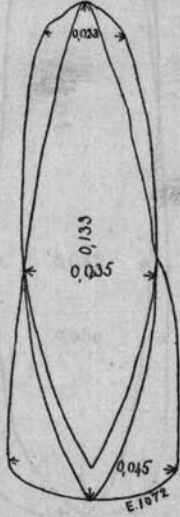


Fig. 50

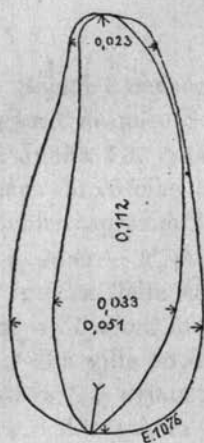


Fig. 52

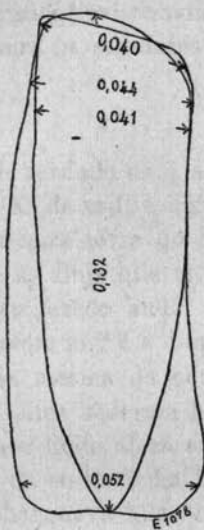


Fig. 53

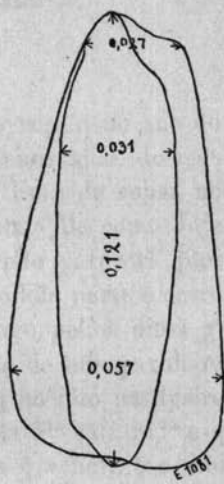


Fig. 54

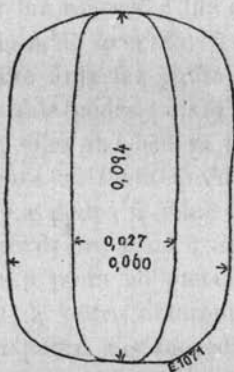


Fig. 49

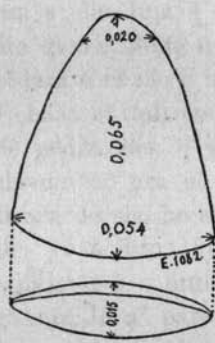


Fig. 55

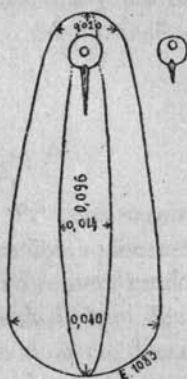


Fig. 56

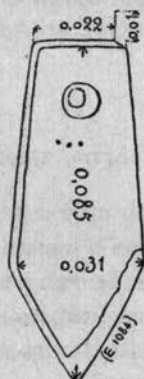


Fig. 57

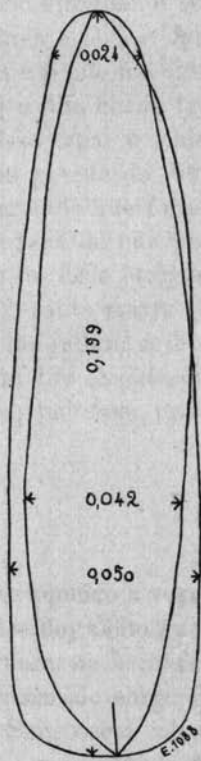


Fig. 58